

C

O CAMINHENSE

MARCELO CONSIDERA QUE EM TERMOS DE INCÊNDIOS FLORESTAIS PORTUGAL “MELHOROU MUITO”

É UM MILAGRE...

PRESIDENTE DA REPÚBLICA VISITOU JORNAL “O CAMINHENSE” E PROMETEU AJUDAR NO PROCESSO DA DIGITALIZAÇÃO

MOVIMENTO MULHERES À SERRA ENTREGOU CARTA ABERTA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

“OS JOVENS VÃO SER OS PROTAGONISTAS ESSENCIAIS DO FUTURO”



AMARES - PONTE DE LIMA
VIANA DO CASTELO - VILA VERDE
MONÇÃO - VALENÇA - CAMINHA

30% DE DESCONTO EM ÓCULOS GRADUADOS

OFERTA 2º PAR



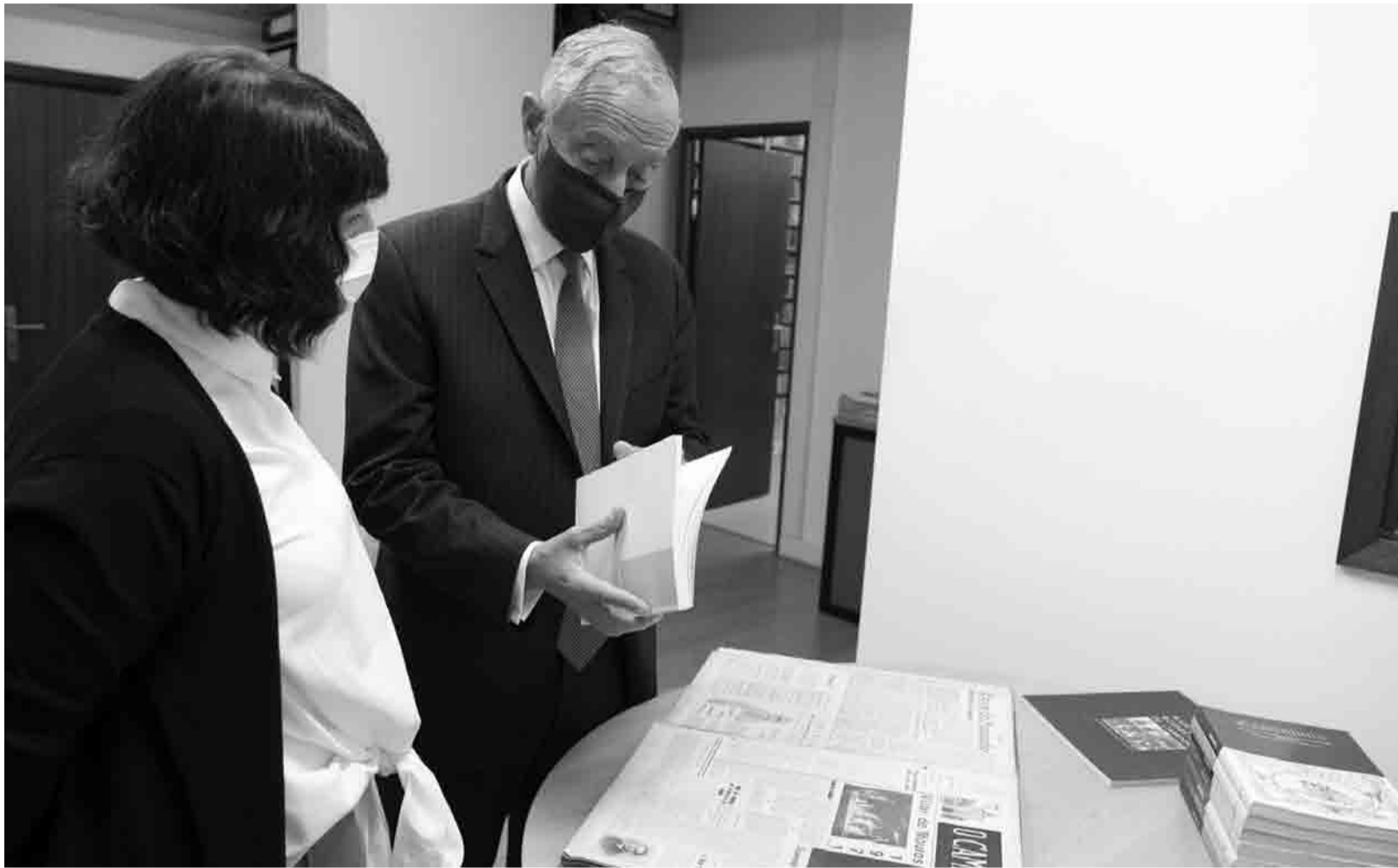
Promoção válida de 6/05 a 31/06/2021. Na compra de armação + lentes a partir de Bronze (exclui lentes base com antirreflexo), não acumulável com protocolos gerais e convencionados nem com outras promoções em vigor na loja. O 2º par de óculos graduados de oferta depende das lentes adquiridas e tem o valor mínimo de 39€ (isento de IVA por armação de 14€ + lentes monofocais antirreflexo). Informe-se sobre todas as condições junto dos nossos colaboradores e em www.multiopticas.pt

MultiOpticas 

Olha por mim, sempre.



CAMINHA



50 ANOS A INFORMAR

O jornal O Caminhense, atualmente com edição mensal, fundado em 1971, tornou-se uma referência de desenvolvimento cultural incontestável no concelho de Caminha onde está sediado e desenvolve grande parte do seu conteúdo noticioso, papel que rapidamente estendeu a todos os municípios do distrito de Viana do Castelo.

Tornou-se desta forma um jornal verdadeiramente regional com grande interesse informativo para toda a região alto minhota, sul da Galiza (Espanha), comunidades portuguesas do Minho espalhadas por todo o mundo, alto minhotos a residir no resto do país e ainda um crescente número de lei-

tores que escolheram o concelho de Caminha para segunda habitação ou destino preferencial para as suas férias.

Para chegar até aqui, ao longo de 50 anos de publicação ininterrupta, este Jornal propôs-se trazer para dentro das suas páginas a região do Alto Minho, desenvolvendo várias estratégias de proximidade com os leitores, com quem vem estabelecendo um elo de ligação unicamente assente nas características particulares da zona onde está inserido.

Desta forma e falando aos leitores das suas realidades regionais, tem O Caminhense tentado sempre reforçar o seu papel de agente de desenvolvimento regional, através da procura constante da melhoria dos seus conteúdos como forma de incentivar os índices de leitura na região, condição sem a qual não teríamos força nem razão de existir.

Antes de entrar nos estúdios da Rádio Caminha onde tinha agendada uma conversa intergeracional em direto com 3 jovens do concelho, o presidente da República teve oportunidade de visitar o arquivo do jornal O Caminhense e conhecer um pouco da sua história, bem como da Revista Caminiana.

Apaixonado confesso por leitura, livros e jornais, o Chefe de Estado mostrou particular interesse por estas publicações sublinhando a importância da sua digitalização, deixando a promessa de poder ajudar no processo, já que o Jornal Caminhense, como explicou a

sua diretora Elsa Cepa, não tem possibilidade de o fazer a expensas próprias.

“Senhor presidente gostávamos muito de poder digitalizar tanto o Jornal como a revista Caminiana mas infelizmente não temos capacidade financeira para o fazer porque dependemos única e exclusivamente dos nossos anunciantes e assinantes”, disse. “É uma pena porque gostávamos muito de poder disponibilizar estes 50 anos de memória e jornalismo livre aos leitores mas digitalizar é realmente muito caro”, reforçou.

A diretora lembrou que já há municípios a apostar nis-

so, dando como exemplo a Câmara de Viana do Castelo que recentemente adquiriu o espólio do Jornal Aurora do Lima para o digitalizar e colocar à disposição de quem o quiser consultar.

O Presidente da República reiterou a disponibilidade para ajudar no processo e pediu que lhe fosse enviado um orçamento. “Faça-me chegar isso que eu vou tentar junto da Presidente da Fundação Gulbenkian a ver se conseguimos uma ajuda”, prometeu.

Antes de prosseguir com a visita e entrar em estúdio para conversar com os jovens de Caminha, o chefe de Estado

É UM MI

Presidente da República visita e prometeu ajudar no p

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, esteve em Caminha para uma visita à redação do Jornal “O Caminhense” que no dia 21 de maio. Marcelo Rebelo de Sousa chegou a Caminha ao início da tarde. Chegado à vila, o chefe de Estado passeou pelas ruas de Caminha, numa das esplanadas do Terreiro, tirou selfies, ouviu manifestações e visitou o comércio local tendo mesmo adquirido



LAGRE...

...tizou Jornal "O Caminhense" no processo da digitalização

...nha no passado dia 10 de maio e incluiu na sua deslocação ao concelho...
 o próximo mês de julho compta 50 anos de existência.
 ...o da tarde e antes passou por Moledo para ver o mar.
 ...minha, contactou com a população, bebeu um sumo de laranja
 ...antes preocupados com a exploração de lítio na Serra d'Arga
 ...o um fato num estabelecimento do centro da vila.

Português reforçou a importância de se conservar a memória e lembrou que muitos jornais terminaram sem deixar esse testemunho. "Eu sei que é assim porque também colaborei com alguns jornais que não deixaram arquivo e isso é memória que desaparece, se perde, o que é fatal", disse. A diretora do Jornal O Caminhense agradeceu ao presidente da República a visita, sublinhando que era a primeira vez, em 50 anos, que um político se tinha disponibilizado e mostrado interesse em conhecer o projeto de comunicação social caminhense. "Obrigado senhor presiden-

te pelo interesse no nosso projeto, nunca nenhum político se disponibilizou a conhecer o nosso arquivo".
É UM MILAGRE...
 Terminada a receção e já aos microfones da Rádio Caminha, o presidente da República agradeceu a forma como foi recebido, sublinhando que "era uma honra estar na rádio", um lugar que lhe era familiar e onde até parecia já ter estado. "Eu estou tão à vontade aqui que até parece que já cá estive, mas não", disse, destacando de seguida o papel importante e insubstituível da imprensa local. Se

não forem vocês a fazer isto mais ninguém faz. Não vai ser nenhum jornal do Porto ou de Lisboa ou nenhum outro órgão de comunicação nacional a fazê-lo". O chefe de estado deu os parabéns à Rádio e ao Jornal O Caminhense pelo trabalho desenvolvido ao longo de meio século e considerou "um milagre" o facto de "conseguirem resistir em tempos tão difíceis como aqueles que hoje se vivem, de quebra de publicidade, de crise e com tanta gente a morrer neste setor, o que significa falta de liberdade e pior qualidade na democracia", disse.



RÁDIO CAMINHA

A Rádio Caminha viu a sua situação regularizada em 1987 tendo-lhe sido atribuída uma licença de radiodifusão. A Rádio Caminha utiliza um dos formatos de maior sucesso na Europa: o "EHR" (European Hit Radio). O público-alvo da estação é abrangente mas atendendo ao tipo de programação, os estudos realizados demonstram que a rádio é sobretudo dirigida a um auditório ativo, esclarecido e com relativo poder de compra. O centro emissor da Rádio Caminha situa-se na Serra d'Arga e a frequência de emissão é 106.2 FM. Com uma vasta área de cobertura que estende até ao Porto, por todo o Vale do

Minho e Galiza, a Rádio Caminha tem vindo a acompanhar a evolução tecnológica. O dinamismo e a qualidade da estação são referências. Assim, o nosso compromisso de todos os dias é o de tentar fazer mais e melhor.
REVISTA CAMINIANA
 Fundada há 40 anos, trata-se de uma revista cultural fundada por António José Guerreiro Cepa. O anúncio da sua criação foi feito no final do ano de 1978 destacando-se pelos seus conteúdos ligados à arqueológica, arte, numismática, história e etnografia. Ao longo de 4 décadas tem sido um importante suporte para estudiosos. Composta por 16 volumes, alguns esgotados a Caminiana é sem dúvida um enorme tesouro literário.

OS CONVIDADOS



MARIANA FERNANDES

Mariana Verde Fernandes que tem 18 anos

e estuda na Escola Básica e Secundária Sidónio Pais em Caminha.

Frequenta o Curso científico-humanístico: Ciências Socioeconómicas.

Quando terminar o 12º ano a Mariana pretende ingressar no Curso de Engenharia Informática, preferencialmente na Universidade do Minho em Braga.

Para além de estudar gosta de Desporto, Arte (Desenho e escrita) e tem particular interesse por causas Causas Sociais.



SANDRA GONÇALVES

Tem 41 anos e reside no lugar da Gandra na extinta freguesia de Arga de Cima, na nossa Serra d'Arga.

Depois de ter trabalhado na área da hotelaria em Lisboa, há alguns anos a Sandra decidiu regressar às suas origens e neste momento dedica-se à agricultura e pastoreio.

É uma apaixonada pela Serra d'Arga e pelas suas tradições, que defende com unhas e dentes.



TIAGO CAÇADOR

Tem 36 anos, é natural de Vila Praia de Âncora, e tem desde 2009 o Mestrado Integrado de Engenharia de Redes e Sistemas Informáticos da Faculdade de Ciências, da Universidade do Porto.

Começou a trabalhar em 2009 na Siemens no Porto, passou também pela Nova Base e pela Xpand IT empresas sediadas em Lisboa.

Desde 2012 está na Deloitte (líder global na prestação de serviços, em mais de 150 países, onde em Angola conta com mais de 300 profissionais).

Exerce o cargo de Gestor Sénior na área de Business Intelligence (Inteligência de Negócio) e está atualmente no maior operador de telecomunicações de Angola.

Ao longo da sua carreira passou por diversas áreas: (financeira, telecomunicações, sector público e transportes) e por alguns clientes relevantes, como por exemplo, Instituto Financeiro de Desenvolvimento Regional, Banco de Portugal, BPI, Via Verde, Vodafone, Portugal Telecom, entre outras...

Por ano, antes da pandemia, fazia em média 10 a 12 viagens entre Portugal e Angola, trabalhando na maioria das vezes remotamente.



“OS JOVENS VÃO SER OS PROTAGONISTAS ESSENCIAIS DO FUTURO”



Concluída a recepção e visita ao arquivo do Jornal O Caminhense, o presidente Marcelo Rebelo de Sousa entrou de seguida para os estúdios da Rádio Caminha onde tinha encontro marcado com 3 jovens do concelho que aceitaram o desafio de partilhar com o chefe de estado a sua experiência de vida num concelho de província e as suas expectativas para o futuro. A conversa intergeracional girou à volta da coesão territorial, do ambiente, da educação e sobretudo das expectativas de futuro para os jovens que, apesar de viverem num concelho com uma beleza extraordinária, as oportunidades ainda escasseiam.

O presidente chegou sob ameaça de trovoada o que a concretizar-se inviabilizaria por completo a conversa agendada pois, como é sabido, quando o tempo piora lá para as bandas da Serra, é corte de luz pela certa e nós cá em baixo ficamos de bico calado sem aviso prévio. Ora aqui está um bom exemplo dessa tão agora na moda “coesão territorial” conceito que, como explicou o Presidente da República “trocado por miúdos” significa “tornar um país que é muito desigual, num país menos desigual”.

Mas como diz o velho ditado o azar não está

sempre atrás da porta, o tempo lá se pôs de feição e a conversa deu-se.

UMA OPORTUNIDADE PARA RECONSTRUIR E NÃO APENAS PARA RECUPERAR

Confrontado com uma primeira questão sobre de que forma é que as novas gerações podem ser uma mais valia para os territórios de baixa densidade populacional e para Portugal nesta fase de reconstrução no pós pandemia, Marcelo Rebelo de Sousa que veio para conversar mas essencialmente para ouvir os jovens, foi peremptório.

“Nós vamos entrar numa nova fase que tanto pode ser uma mera recuperação como uma reconstrução. Se for uma recuperação é uma pena, é curto. É remendar, é querer voltar a 2019 e ninguém volta atrás. O mundo continuou, a Europa continuou e Portugal também e portanto esta é a oportunidade para reconstruir. E nessa reconstrução quem é que tem mais futuro? São os jovens”, sublinhou.

Uma reconstrução que segundo Marcelo Re-



belo de Sousa passa sobretudo pela coesão territorial, ou seja, por tornar mais igual um país que ainda é muito, muito desigual.

“Isso passa pelos jovens poderem fixar-se onde quiserem, inclusive nas suas terras se assim quiserem, quer seja no interior mais profundo, no intermédio ou até naquilo que aparenta ser quase litoral mas não é”.

Mas para os jovens se fixarem necessitam de ter condições como sublinhou o presidente Marcelo, “condições de saúde, educação, de trabalho, de intervenção e participação cívica e de cultura” algo que hoje está um pouco mais facilitado devido ao digital”, apontou.

Mas como dissemos no início o presidente da República veio essencialmente para ouvir os jovens “de diversas juventudes” sobre a forma como estes vêm o presente e sobretudo o futuro; o que desejam para Caminha ? e qual o seu papel e o que pode mudar nos próximos 6 anos? sem perder oportunidades porque, como sublinhou, “já perdemos muitas”.

Para Marcelo cabe aos jovens, através do seu papel interventivo, garantir que essas oportunidades não se perdem, “criticando, contestando, reivindicando, sonhando e querendo lutar por aquilo que acham que deve mudar”. Até porque, sublinhou, “são eles os protagonistas e herdeiros da situação que vier a ser deixada se nos próximos anos as oportunidades se perderem”, disse.

QUEREMOS UM CONCELHO QUE NÃO SEJA UMA MERA PONTE PARA OUTRAS REGIÕES

A jovem Mariana, uma das convidadas para debater o futuro de Caminha com o chefe de estado, não podia estar mais de acordo. Para esta estudante de 18 anos o desafio futuro de Portugal “não passa por remediar mas sim reconstruir o país” nas mais diversas áreas, desde logo económica e social.

“Relativamente ao futuro penso que a minha geração quer ver Caminha ser reconhecida no mapa. Não queremos ser mais um concelho invisível ou uma mera ponte para outros concelhos ou distritos. Queremos que seja um concelho modernizado, com indústria sustentável e onde se valorizem os fatores culturais”, disse.

Já para o país, a Maria sonha com um Por-

tugal mais inclusivo, onde as pessoas tenham oportunidades iguais independentemente do local onde se encontrem, “uma sociedade sustentável, modernizada, descentralizada, e que se preocupe com os grupos mais marginalizados, como por exemplo os idosos, pessoas com deficiência, e os cuidadores que também precisam de mais empatia. Uma vida mais digna para os que cuidam e para os que são cuidados”, sublinhou.

OPORTUNIDADE É A PALAVRA CHAVE

Para o Tiago Caçador, outros dos convidados para o debate com Marcelo Rebelo de Sousa, a palavra chave é “oportunidade”.

“Quando partimos para novos desafios, nós que gostamos da nossa terra só temos um objetivo que é poder regressar um dia. Mas será que para encontrar essa oportunidade precisamos sair daqui?”.

Para o engenheiro informático a verdade é que a maioria dos jovens quando acaba o curso tem que partir para o Porto, para Lisboa ou até para outro país e o grande desafio que se põe é inverter esta tendência e minimizar essas saídas.

“A meu ver há várias coisas que se podem fazer e penso que o poder local tem uma importância vital na hora de projetar o futuro de uma localidade. O poder local tem que ter capacidade para seduzir empresas a instalarem-se nos territórios porque só assim se consegue criar emprego”, explicou.

Outra das oportunidades passa, segundo Tiago Caçador, pela descentralização das empresas, uma tendência que se tem verificado nos últimos anos.

“Cada vez mais existem empresas que optam por descentralizar porque isso lhes trás imensas vantagens. Conseguem reduzir custos em infraestruturas e conseguem seduzir pessoas a ficarem nas suas terras e a não irem para os grandes centros. Mas para que isto aconteça é preciso que o poder local tenha essa capacidade de sedução porque se isso não acontecer é quase impossível. Existe muita competência no nosso concelho e muitas vezes as pessoas não fazem carreira na sua área por falta de oportunidades e isso é muito injusto” sublinhou.

Para Tiago Caçador sair é uma opção mas





nem sempre fácil porque começar uma vida longe de todos é muito difícil e acarreta muitos custos. “Para um jovem de Caminha que inicia o seu percurso profissional no Porto ou em Lisboa, é muito complicado porque vai ter que pagar alojamento, todas as despesas diárias, andar de transportes públicos e tudo isto sem a retaguarda e ajuda da família”.

HÁ POUCOS JOVENS A APOSTAREM NA AGRICULTURA

A Sandra Gonçalves, uma jovem de outra geração que aceitou o convite para conversar com o presidente da República, falou da sua experiência enquanto pessoa que vive numa zona de montanha tendo como atividade principal a agricultura e o pastoreio.

Depois de ter passado por uma experiência profissional no ramo da hotelaria em Lisboa, a Sandra decidiu regressar às origens e fazer do setor primário a sua atividade profissional.

Fácil? Não, longe disso e talvez essa seja a principal razão pela qual muito poucos jovens que queiram dedicar a esta atividade no concelho como explicou a Sandra.

“A verdade é que a maioria dos jovens procura outro tipo de empregos mais limpos onde tenham o fim de semana livre. Uma pessoa que se dedica à agricultura ou ao pastoreio não sabe o que isso é, não temos folgas, não temos fins de semana, ou férias porque os animais têm que comer todos os dias. O trabalho agrícola também é diário e a verdade é que se não formos de manhã temos que ir à tarde porque é preciso regar, colher, plantar, etc. É um trabalho pesado e por isso pouco aliciante para os jovens que preferem um emprego com mais liberdade”.

A Sandra regressou as origens para estar mais perto da família, dos pais e de uma tia que devido à idade já não podiam amansar a terra e tratar dos animais. “Decidi vir e continuar eu com este trabalho dando assim continuidade às nossas tradições e às nossas raízes reconhecen-

do no entanto que não é fácil viver só disto”.

Serrana de gema, há situações que neste momento a preocupam muito, nomeadamente a questão das minas de lítio um assunto que tem dado que falar e que a Sandra fez questão de partilhar com o Presidente da República.

“Neste momento há um assunto que nos está a preocupar muito e que é a possibilidade de virem a instalar na nossa serra minas de lítio. Se isso acontecer vai dar cabo do nosso território e dificultar-nos muito a vida. Se for avante vai dar cabo da nossa água e da nossa paisagem, que é única”, alertou.

PODER LOCAL TEM E DEVE SER UM PROTAGONISTA MAIS ATIVO

Marcelo Rebelo de Sousa ouviu atentamente as intervenções dos convidados que fez questão de comentar sublinhando que todas tinham sido “interessantíssimas”.

Pegando nas palavras da estudante Mariana, Marcelo Rebelo de Sousa reforçou a ideia de que a sociedade portuguesa é de facto muito desigual e pouco inclusiva. “Há assim uma espécie de xenofobia mais ou menos oculta, mais ou menos assumida que pode ser agravada com o aumento da desigualdade”, sublinhou Marcelo que considerou que quanto mais desigual for o país “mais isso puxa todos para baixo porque todos sofremos com a desigualdade”, disse.

Quanto à descentralização, outro dos temas abordados pela Mariana, Marcelo Rebelo de Sousa, que também já foi autarca, sublinhou o papel vital das autarquias locais sublinhando que elas são o pilar da democracia em relação à primeira república. “Há poder local mas esse poder tem que ser um protagonista muito ativo nesta mudança e neste salto fundamental que se pretende”, sustentou.

TRABALHAR CADA VEZ MAIS LONGE DE UM

LOCAL FÍSICO GRAÇAS AO DIGITAL

Passando de seguida à intervenção do Tiago e à questão da sedução das empresas, Marcelo Rebelo de Sousa acentuou as diferenças entre o presente e o passado.

“A ideia de atrair empresas para o território já não se faz como se fazia, a ideia de ter que estar tudo concentrado num local já não é assim e nem as próprias indústrias funcionam assim. Hoje em dia, com a possibilidade que o digital deu, é possível trabalhar descentralizando, de forma a localizar parte do trabalho nos locais mais distintos e remotos”.

Para o presidente esta é uma tendência que se acentuou com a Pandemia e que veio para ficar “porque possibilita melhor qualidade de vida às pessoas que passaram a poder trabalhar à distância em qualquer local para importantes unidades industriais do país e até do estrangeiro, sem terem que se deslocar para grandes áreas metropolitanas. Felizmente as empresas estão cada vez mais sensíveis a isto”.

E este é, na opinião do chefe de estado, “um desafio que se vai pôr aceleradamente e vão ver que daqui a dez anos já estamos a falar noutros termos, a distância vai ver-se de outra maneira”.

ACREDITO QUE JAMAIS VENHA A HAVER UMA MINA NA SERRA D’ARGA

Relativamente à intervenção da Sandra, o Presidente considerou que ela veio levantar duas questões fundamentais: “Desde logo a questão de uma nova agricultura que pode fazer a ponte com a antiga agricultura e pecuária. É possível encontrar uma forma virtuosa de complementaridade”, considerou.

Apesar dos apoios limitados, o presidente lembrou que felizmente ainda há gente nova a dedicar-se a este setor, “embora poucos”, no entanto acredita que no futuro esse número possa aumentar.

Já no que toca às minas de lítio na Serra d’Arga, o presidente acredita que não avançarão, até pela riqueza natural que existe naquele território





“Aquilo que eu acho é que há aqui um riqueza natural que é indiscutível. Não é apenas uma questão ambiental ou ecológica pura, é um ecossistema mais complexo.

Eu acho que jamais venha a haver uma mina na Serra d’Arga, As pessoas olham e dizem, mas a lei, teoricamente, pode permitir, nós sabemos como é. Há uma lei de 2015 que demorou imenso tempo a regulamentar. A regulamentação para fazer o equilíbrio tornou o processo muito complexo, tão complexo que a sua própria aplicação é muito complexa. Significa que logo isso, o decreto-lei que dá execução à lei torna mais complicado o processo para todo o território nacional”, afirmou.

Marcelo Rebelo de Sousa disse ainda a propósito que a regulamentação dos projetos de mineração em Portugal “despertou um debate que já existia antes e está pendente no Parlamento agora, por iniciativa de um partido”.

“Isto vai ainda dar um debate muito apreciável, mas depois mesmo que haja lei, em termos de quadro, o problema é o da execução de casos específicos e concretos. E, em casos concretos, há coisas que não se podem tornar como os estudos de impacto ambiental”, disse.

“É minha percepção, de muitos anos de análise dos fenómenos, não só por corresponder a uma vontade coletiva muito forte, mas à própria realidade não ver como nada plausível, nada provável o que preocupa, legitimamente a Sandra. Eu também estaria preocupado porque ela tem lá a sua vida, num determinado contexto e a alteração radical do contexto, ali, é um choque e é uma frustração de expectativas muito grande”, sustentou Marcelo Rebelo de Sousa.

Para justificar a sua “percepção”, o presidente da República apontou ainda o turismo naquela zona como sendo “uma atividade produtiva contínua, e não só para turismo de férias”.

“Dentro do turismo, há turismo e turismo. Cada vez mais há turismo todo o ano. Isso implica, por exemplo, a Serra d’Arga. É uma das razões por que não acredito que haja mineração quando há promessas de investimento no turismo. Só se o Estado estivesse muito original é que investia por um lado para depois, a seguir, criar condições e perder muita da lógica daqueles investimentos que estão, mais ou menos, prometidos ou apalavrados, ou pensados”, adiantou.

Para Marcelo Rebelo de Sousa, “o turismo natural, gastronómico, ecológico é cada vez de maior importância, sobretudo para “os jovens e não apenas nacionais”.

“Não é o turismo de veraneio nacional ou de proximidade. É também internacional”, reforçou.

Terminada a primeira parte da conversa houve ainda tempo para uma segunda ronda de perguntas que abordou as preocupações que os jovens têm em relação ao seu futuro. Preocupações que foram deixadas pela jovem estudante Mariana.

“A maioria dos jovens que vivem na província chegam ao final do 12º ano e são obrigados a ir para regiões mais metropolitanas com mais polos universitários porque na zona onde vivem não há recursos”, alertou.

Saber se daqui a alguns anos vai poder viver de forma sustentável foi outra das dúvidas levantadas pela Mariana que mostrou ainda preocupação com a saúde mental dos jovens devido ao confinamento a que estiveram sujeitos por conta da Pandemia.

O Tiago, de uma geração diferente, abordou a questão da sazonalidade do Turismo, uma tendência que tem de ser revertida.

“Caminha tem que pensar em trabalhar durante os 12 meses do ano e não apenas no Verão. Eu sei que isto não é fácil mas é para isso que temos de trabalhar no futuro. Se conseguirmos fazer com que as pessoas se mantenham cá por mais tempo ganhamos todos”.

Para este engenheiro informático é fundamental a criação de um plano estratégico para Caminha a médio prazo “porque só assim é que sabemos com o que podemos contar”.

Fixar gente em Caminha, principalmente os jovens e criar condições para que essas pessoas se orgulhem de viver no concelho, foi outro dos grandes desafios apontados pelo Tiago Caçador, que acredita que só assim Caminha se desenvolverá.

“Quando estou fora tento sempre ser um embaixador desta zona. Quando trago cá colegas noto que eles sentem que isto é espetacular. Mas é importante dar condições às pessoas para elas terem orgulho em viver aqui. Se elas não tiverem qualidade de vida, oportunidade de emprego e empregos dignos com um salário que lhes permita consumir, então ninguém quer estar aqui só para ver os turistas consumir e os de cá ficarem a beber um copo de água na esplanada”.

A terminar a conversa com o presidente da república durante o especial de informação, que se prolongou por cerca de uma hora, a Sandra teve ainda oportunidade de sublinhar a importância de passar para as gerações futuras aquilo que são as tradições, referindo no entanto que também cabe às gerações mais novas demonstrarem esse interesse.

“Era importante que os nossos jovens quisessem vir para o interior e participar daquilo que são as nossas tradições, algumas delas infelizmente já quase perdidas como é o caso da matança do porco, das desfolhadas, dos bailes na eira, etc”.

Numa alusão aos jovens e à importância destes na construção e forma de pensar o território, Marcelo não tem dúvidas que são os jovens os protagonistas essenciais do futuro, sublinhando a importância de uma renovação que é essencial fazer nas instituições e nas autarquias.

Para o chefe de estado não existem dúvidas quando à necessidade de se definir uma estratégia para o futuro, “mas uma estratégia que não pode ser apenas municipal, mais tem que ser mais vasta”. O Presidente sublinhou a importância do estreitar das ligações entre o Minho e a Galiza, apostando na complementaridade entre um lado e outro no que diz respeito à atividade contínua e não apenas ao turismo, um setor que tem que apostar na continuidade e não apenas nos 2 ou 3 meses de verão.

Reconhecendo dificuldades em se definir, num município como o de Caminha, um Plano Estratégico, Marcelo Rebelo de Sousa lembrou que este é um território com potencialidades e aptidões que podem ser aumentadas, basta definir de que forma.

“Caminha tem uma paisagem protegida, uma localização altamente privilegiada e tem bons zinhos quer de um lado quer do outro”.

O presidente da República terminou com a certeza de que “a vida vai mudar económica, financeira e socialmente muito aceleradamente e as pessoas vão ter que ter capacidade mental para enfrentar essas mudanças”.

Marcelo Rebelo de Sousa despediu-se com a promessa de pensar Caminha.

EDITORIAL

Elsa Guerreiro Cepa



CAMINHA À PROCURA DO SEU FUTURO

Pensar o futuro de Caminha, um concelho cujo desenvolvimento sustentado urge concretizar, para aproveitar a oportunidade da reconstrução com o dinheiro da “bazuca”, forçando o poder local a uma maior intervenção junto do governo na exigência da execução do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), foi uma das mensagens deixada na nossa terra ao país, pelo Presidente da República. Para um Portugal inclusivo e que se pretende desenvolvido num todo, dando assim cumprimento ao princípio da coesão territorial defendido pela União Europeia, como factor soberano de desenvolvimento no espaço comunitário europeu.

Marcelo veio para ouvir os jovens, “activistas em várias frentes”, por serem eles “os protagonistas e herdeiros da situação que vier a ser deixada se as oportunidades se perderem”. Frisou a importância do seu papel interventivo para garantir que essas oportunidades não se perdem. Como? “Criticando, contestando, reivindicando, sonhando e querendo lutar por aquilo deve mudar”.

Pôs em cima da mesa e na agenda nacional a mineração da Serra d’Arga, quando disse na Rádio Caminha que acredita que a mesma não vai avançar pela dificuldade de aqui aplicar a lei. Que não é opção investir na protecção ambiental e no desenvolvimento de projectos na área do turismo para todo o ano, “mais ou menos apalavrados”, para depois em sentido inverso destruir este ecossistema complexo tão representativo da identidade natural e cultural do Alto Minho. O balde de água fria chegou apenas uns dias depois. O Ministro do Ambiente e Acção Climática, Matos Fernandes, garantiu, aquando de uma visita a Vila Nova de Gaia, que a Serra d’Arga estará incluída no concurso que o governo quer lançar no final deste ano para a extracção de lítio, excluindo a área incluída na Rede Natura 2000 e que corresponde apenas a “metade do mapa inicial”. A luta vai certamente continuar.

A importância de “estreitar as ligações ente o Minho e a Galiza” na foz do Minho, já cumprida nos municípios de Vila Nova de Cerveira, Valença, Monção e Melgaço, como ponto de partida de uma “estratégia para o futuro, que não pode ser apenas municipal mas tem de ser mais vasta”, apostando na complementaridade entre as duas margens do rio, pode ser uma das oportunidades para a desejada actividade contínua, reduzindo o efeito sazonal na economia local da aposta no turismo em dois ou três meses de verão.

Mais emprego. Através da criatividade na atracção de empresas ao território, agarrando a possibilidade do trabalho digital, descentralizado, a partir “dos locais mais distintos e remotos”. Perceber os novos critérios para a fixação de indústrias. Criar melhores condições de vida, de “trabalho, de intervenção e participação cívica, de cultura”, são alguns dos factores que podem contribuir para a fixação dos jovens, garantindo-lhes a opção de ficar em alternativa a uma vida profissional nos grandes centros urbanos ou no estrangeiro, se assim o desejarem.

Concordou ainda Marcelo com a relevância de definir para este território um Plano Estratégico de desenvolvimento, com metas concretas, capazes de “aumentar as potencialidades e aptidões já existentes”, tendo em conta que “Caminha tem uma paisagem protegida, uma localização altamente privilegiada e tem bons vizinhos quer de um lado quer do outro”.

Estes foram alguns dos temas abordados na conversa que o Chefe de Estado manteve em directo na nossa Rádio com três jovens de mérito do concelho de Caminha, para assinalar o “importante e insubstituível papel” da imprensa regional e das rádios locais na discussão plural dos problemas que afectam directamente a vida local.

A visita, do Presidente que também foi jornalista, trouxe o reconhecimento a 50 anos dedicados à cultura, à comunicação social e à liberdade de imprensa e que deram à nossa terra O Caminhense, a revista Caminiana, a Rádio Caminha e o JornalC-online. Um sonho concretizado de António Guerreiro Cepa, agora menos esquecido, para guardar a memória de Caminha, contar a sua história e dar-lhe uma voz.

Por último, para simbolicamente festejar esta já longa mas livre e extenuante caminhada, cumpre-nos agradecer o todos os que nos trouxeram até aqui: colaboradores, jornalistas, animadores, empresas, instituições, ouvintes, leitores e assinantes. Obrigado a todos. Obrigado Senhor Presidente da República .



MARCELO CONSIDERA QUE EM TERMOS DE INCÊNDIOS FLORESTAIS PORTUGAL “MELHOROU MUITO”

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, cumpriu o segundo dia de visita ao concelho de Caminha com uma deslocação ao Lugar de Aldeia Nova, na freguesia de Venade, onde testemunhou uma ação de

limpeza de uma faixa de proteção com cerca de 3,5 hectares perto de habitações.

Em declarações aos jornalistas, o presidente da República considerou que Portugal melhorou muito em matéria de

incêndios florestais depois da tragédia de 2017, mas sublinhou que a prevenção tem de ser a palavra de ordem.

Marcelo disse que “não há comparação” com o panorama de 2017.

“Melhorou-se em várias coisas”, referiu, aludindo, designadamente, à criação de uma entidade encarregada de planejar uma intervenção à escala global, a novas estruturas, à admissão de mais pessoal e a

“passos importantes” em matérias de GNR e Sapadores.

“Está a dar-se passos, que devem ser acelerados, nos bombeiros voluntários”, acrescentou, sublinhando ainda que as populações perceberam a im-

portância da prevenção.

“A ideia é prevenir, prevenir, prevenir”, defendeu.

A poucos dias do fim do prazo para limpeza de terrenos, Marcelo admitiu que, em tempos de pandemia, nem sempre





é fácil cumprir.

“É natural que tenham outras coisas na cabeça, mas, se pudermos, têm de estar atentos também a este problema”, acrescentou.

Nesta deslocação a Venade, o Presidente da República também ficou a saber, pela voz do

Presidente da Comissão Distrital de Proteção Civil de Viana do Castelo, Miguel Alves, que um dos grandes problemas do distrito é a falta de efetivos.

“Viana do Castelo é o 4º distrito com mais ocorrências em todo o país e o 18º em núme-

ro de bombeiros. Isto significa que somos o distrito que apresenta, em todo o país, o maior número de ocorrências por bombeiro”, sublinhou Miguel Alves.

Marcelo Rebelo de Sousa considerou a sua deslocação a Ve-

nade e o trabalho que estava a ser desenvolvido naquela zona pela equipa de sapadores, “muito importante”.

Para o presidente da República a prevenção é uma ação de todos, “das populações, dos autarcas, dos bombeiros, das

forças de segurança e proteção civil. Todos juntos temos muito trabalho a fazer”, sublinhou.

Relativamente à falta de efetivos, uma preocupação que é comum mas que a nível distrital é particularmente pesada, o Chefe de Estado consi-

derou que é importante haver mais recursos, nomeadamente humanos “que são os mais importantes”.

“O resto dos recursos também são importantes mas de facto os humanos são fundamentais”, disse.



MOVIMENTO MULHERES À SERRA ENTREGOU CARTA ABERTA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O Movimento “Mulheres à Serra” aproveitou a deslocação do Presidente da República à freguesia de Venade, para lhe entregar uma Carta Aberta chamando a atenção para o projeto de mineração que o Governo pretende instalar na Serra d’Arga.

Liliana Silva, vereadora da Câmara de Caminha (PSD) e membro daquele movimento, explicou ao Jornal C que a carta entregue ao presidente da República, “faz uma retrospectiva de todo o processo desde 2016, altura em que o programa nacional de exploração mineira foi aprovado, até 2019, altura em que foi lançado o concurso público”, explicou.

Apesar desta mesma carta já ter sido enviada anteriormente ao chefe de estado, Liliana Silva diz que a mesma nunca lhe chegou às mãos. “Foi por isso que hoje decidimos entregar-lha em mãos uma vez que estamos em 2021 e continuamos com o mesmo problema”, disse.

O presidente da República recebeu das mãos de Liliana Silva a referida carta e repetiu aquilo que

já tinha dito no dia anterior, reforçando a sua convicção de que este programa de mineração para a Serra d’Arga não vai avançar.

Sobre as declarações do presidente da República, Liliana Silva considerou que elas mostram de que lado está o presidente da República.

“Eu penso que aquilo que o Presidente da República pretendeu com as suas afirmações, foi passar uma mensagem clara ao país de que poderá estar ao nosso lado caso isto avance. Obviamente que

não garantiu que não irá acontecer, acredita que não irá e portanto isto foi um sinal claro, inclusive ao Governo de que este não é o caminho. Temos que potencializar as nossas serras, criar mais valias, mas nunca através de um programa de exploração mineira”, afirmou.

Para o Movimento “Mulheres à Serra”, a luta contra a mineração na Serra d’Arga está longe de chegar ao fim e só vão parar quando o programa terminar. “Até lá não desistimos”, garantiram.



10 DE MAIO O DIA EM

A visita que o Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa realizou no passado dia 10 de maio à Redação do Jornal O Caminhense completou este ano 50 anos de existência. A conversa em vários meios de comunicação deram destaque ao facto do Jornal O Caminhense completar este ano 50 anos de existência. A conversa

12/05/2021 Expresso | Uma agricultora, uma estudante, um gestor e um Presidente da República entram num estúdio de rádio... E as minas d...

Exclusivo
POLÍTICA

Uma agricultora, uma estudante, um gestor e um Presidente da República entram num estúdio de rádio... E as minas de lítio foram tema principal



Rui Duarte Silva

Marcelo Rebelo de Sousa visitou uma rádio e um jornal de Caminha que estiveram para fechar portas durante a pandemia. Do rescaldo da visita que fez ao jornal e à rádio Caminhense saiu a razão pela qual as minas de lítio não abrirão, na opinião do Presidente da República

<https://expresso.pt/politica/2021-05-11-Uma-agricultora-uma-estudante-um-gestor-e-um-Presidente-da-Republica-entram-num-estudio-de-radio...> 1/10

12/05/2021 Expresso | Uma agricultora, uma estudante, um gestor e um Presidente da República entram num estúdio de rádio... E as minas d...

Segue depois. Tem três pessoas à espera no estúdio da rádio Caminhense. "Ah, espetáculo. Faz magia...", diz um dos manifestantes, sem se ficar. Mas Marcelo já nem o olhou.

Vai ser entrevistado numa conversa informal com três jovens de Caminha: Tiago, de 36 anos, que é gestor sénior na Deloitte, Maria, de 18 anos, aluna de média 19, e Sandra, de 41 anos, agricultora na Serra d'Arca.

Pousa o relógio e uma folha de papel onde vai apontando umas notas à medida que os outros entrevistados falam da sua experiência com a terra Natal. Mal sabia que seria também à frente do microfone confrontado com a mesma questão: as minas de lítio. "Vão-nos dar cabo da água, que é algo de bom que temos, como também nos vão destruir a paisagem", defende Sandra, sob o olhar atento do Presidente da República.

"Somos uma sociedade muito desigual", responde. "É estúpido, porque um país muito desigual puxa tudo para baixo, até o país privilegiado".



Rui Duarte Silva

12/05/2021 Expresso | Uma agricultora, uma estudante, um gestor e um Presidente da República entram num estúdio de rádio... E as minas d...

POLÍTICA
Regionalização. Marcelo responde a Rui Moreira e insiste em ver tema debatido depois das autárquicas
Leia também →



ELSA, A RÁDIO PIRATA E O JORNAL DE MEIO SÉCULO
Do outro lado, no estúdio de edição, ouvia-o a atenta Elsa Cepa. Como é que o Presidente da República de repente lhe foi parar às instalações do humilde jornal e rádio Caminhense?

"Ligaram para cá na sexta-feira, atendeu a minha mãe, a dona do jornal, e disse que achava que deveria ser uma brincadeira", ri. Com apenas três jornalistas mas 50 anos de história para carregar, quase nunca é fácil manter o negócio que herdou do pai. Negócio não, pedimos desculpa. "Quando começa a ser negócio, já não é comunicação social", defende. E depois, "a falta de cultura que há na defesa dos valores de liberdade de expressão e de imprensa é muito grande. Não há respeito", desabafa.

O Caminhense, jornal local de Caminha que fará 50 anos em 2021, já foi semanário, agora é mensal. Conta com três jornalistas - os mesmos três que alimentam a informação da rádio com o mesmo nome, nascida em 1987, após ter sido, como quase todas, uma rádio pirata.

Em 2006, surgiu no projeto jornalístico um site e hoje em dia, garante Elsa, o que sustenta o projeto é uma mistura entre publicidade e o dinheiro certo dos 400 assinantes do jornal.

<https://expresso.pt/politica/2021-05-11-Uma-agricultora-uma-estudante-um-gestor-e-um-Presidente-da-Republica-entram-num-estudio-de-radio...> 4/10

12/05/2021 Expresso | Uma agricultora, uma estudante, um gestor e um Presidente da República entram num estúdio de rádio... E as minas d...



Rui Duarte Silva

Durante a pandemia, a diretora ponderou seriamente fechar. "Uma das primeiras medidas que fomos tomar era fechar a nossa edição em papel. Até houve duas ou três edições que não imprimimos, mas depois foram os próprios assinantes que nos levaram a pensar. Diziam para não acabarmos, que continuavam a assinar, que era uma pena por estarmos à beira dos 50 anos", conta.

"Mas o que é certo é que a comunicação social é [um meio] muito difícil", por isso a visita de Marcelo tem um significado especial, principalmente "por ter sido deliberada para conhecer o projeto", sinaliza.

Após 45 minutos de entrevista de rádio, à hora de jantar, e ainda sem ter sequer almoçado, Marcelo aviou mais algumas respostas aos jornalistas, pela quarta vez nesta segunda-feira. E respondeu ao lítio. Explicou que disse ao manifestante com tanta firmeza não acreditar no avançar das minas porque "há processos que, pela sua complexidade, não é fácil resultarem numa decisão

<https://expresso.pt/politica/2021-05-11-Uma-agricultora-uma-estudante-um-gestor-e-um-Presidente-da-Republica-entram-num-estudio-de-radio...> 5/10

12/05/2021 Expresso | Uma agricultora, uma estudante, um gestor e um Presidente da República entram num estúdio de rádio... E as minas d...

com consequências grandes em termos paisagísticos, ambientais, sociais e económicos".

No primeiro dia de uma nova edição pós-pandémica do Portugal Próximo, o modelo de presidência aberta do Presidente da República, Marcelo foi a Caminha e resolveu. Nem as minas abrirão nem o Caminhense (ainda) fechou.

f t s ...

+ Exclusivos



Henrique Raposo
O governo está morto (obrigado, Sporting)

12/05/2021 Expresso | Uma agricultora, uma estudante, um gestor e um Presidente da República entram num estúdio de rádio... E as minas d...

f t s ...

11 MAIO 2021 7:42

Rui Duarte Silva

MAIS VISTAS

Ret dos frangos: comprador divida de Vieira após Novo Banco vender com desconto de 90%

Uma launch que afunda a Martinha

António Costa de atalada para Bruxelas. Será mesmo verdade?

Caro Homens! "Tiraram uma vida e arrastaram a vossa", disse o juiz

Palmela a Rua da Corredoura "12 minutos atrasado para a entrevista". A sua espera, para além de jornalistas, tem pessoas à janela e três manifestantes com cartazes. "Não às minas, sim à vida", gritam, sob o incómodo confronto do Presidente da República, que faz um lapso temporal de poucos segundos de espera e logo retorquiu: "Estou convencido de que nunca haverá minas".

<https://expresso.pt/politica/2021-05-11-Uma-agricultora-uma-estudante-um-gestor-e-um-Presidente-da-Republica-entram-num-estudio-de-radio...> 2/10

QUE FOMOS NOTÍCIA

O Caminhense e estúdios da Rádio Caminha, foi notícia nas edições on line de vários órgãos de comunicação nacional e local. A notícia que o chefe de estado manteve com 3 jovens do concelho aos microfones da Rádio Caminha foi outro dos destaques das edições.

12/05/2021

Marcelo acredita que "jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga" - Política - Jornal de Negócios

ECONOMIA POLÍTICA

Marcelo acredita que "jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga"

A Serra d'Arga abrange uma área de 10 mil hectares nos concelhos de Caminha, Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo e Ponte de Lima, dos quais 4.280 hectares se encontram classificados como Sítio de Importância Comunitária.



12/05/2021
10 de Maio de 2021 às 23:39

O presidente da República Marcelo disse hoje acreditar que "jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga", no distrito de Viana do Castelo, ou noutro ponto do país, porque a lei "tornou o processo muito complexo".

"Eu acho que jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga. As pessoas olham e dizem 'mas a lei, teoricamente, pode permitir, nós sabemos como é'. Há uma lei de 2015 que demorou imenso tempo a regulamentar. A regulamentação para fazer um equilíbrio tornou o processo muito complexo, tão complexo que a sua própria aplicação é muito complexa. Significa que logo isso, o decreto-lei que dá execução à lei, torna mais complicado o processo para todo o território continental", afirmou Marcelo Rebelo de Sousa.

A Serra d'Arga abrange uma área de 10 mil hectares nos concelhos de Caminha, Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo e Ponte de Lima, dos quais 4.280 hectares se encontram classificados como Sítio de Importância Comunitária.

O Chefe de Estado, que respondia a Sandra Gonçalves, convidada para participar numa conversa nos estúdios da Rádio de Caminha, durante um especial de Informação sobre o futuro daquele concelho, disse que a regulamentação dos projetos de mineração em Portugal "despertou um debate que já existia antes e está pendente no Parlamento agora, por iniciativa de um partido".

"Era val ainda dar um debate muito interessante, mas depois mesmo não há lei em termos de mineração em Portugal".

https://www.público.pt/marcelo-rebelo-de-sousa-acredita-que-jamais-venha-a-haver-uma-mina-na-serra-d-arga-13... 1/7

12/05/2021

Marcelo acredita que "jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga"



CAMINHENSE

Marcelo acredita que "jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga"

Andréia Cunha | Lusa | 1 dia atrás | 5 min. leitura

O presidente da República Marcelo disse acreditar que "jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga", no distrito de Viana do Castelo, ou noutro ponto do país, porque a lei "tornou o processo muito complexo".

"Eu acho que jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga. As pessoas olham e dizem, mas a lei, teoricamente, pode permitir, nós sabemos como é. Há uma lei de 2015 que demorou imenso tempo a regulamentar. A regulamentação para fazer um equilíbrio tornou o processo muito complexo, tão complexo que a sua própria aplicação é muito complexa. Significa que logo isso, o decreto-lei que dá execução à lei torna mais complicado o processo para todo o território continental", afirmou Marcelo Rebelo de Sousa.

A Serra d'Arga abrange uma área de 10 mil hectares nos concelhos de Caminha, Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo e Ponte de Lima, dos quais 4.280 hectares se encontram classificados como Sítio de Importância Comunitária.

https://www.districto.com/caminha/marcelo-rebelo-de-sousa-acredita-que-jamais-venha-a-haver-uma-mina-na-serra-d-arga-13... 1/7

12/05/2021

Marcelo em Caminha: "Estou convencido que nunca haverá uma mina na Serra d'Arga"

JN | DN | TSF | Dinheiro Vivo | V Digital | O Jogo | Melhor 24 | Men's Health | Women | CLASSIFICAR | ATUALIZAR O FEEDBACK

Últimas Mais Vistas Alertas

ESPECIAL Tudo sobre a covid-19

Visita

Marcelo em Caminha: "Estou convencido que nunca haverá uma mina na Serra d'Arga"



O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa
Foto: HUGO DELGADO/LUSA

https://www.jn.pt/local/noticias/viana-do-castelo/caminha/marcelo-em-caminha-estou-convencido-que-nunca-haver-uma-mina-na-serra-d-arga-13... 1/7

18/05/2021

Marcelo não acredita em exploração mineira na Serra d'Arga

HOME | RÁDIO VALE DO MINHO | CATEGORIAS | COVID-19 VALE DO MINHO | PRIVACIDADE | CONTACTOS



Home > Caminha > Marcelo não acredita em exploração mineira na Serra d'Arga

CAMINHENSE DESTAQUES

MARCELO NÃO ACREDITA EM EXPLORAÇÃO MINEIRA NA SERRA D'ARGA

por Rádio Vale Do Minho | 10 Maio, 2021



PUB

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, disse esta segunda-feira acreditar que "jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga", no distrito de Viana do Castelo, ou noutro ponto do país, porque a lei "tornou o processo muito complexo".

18/05/2021

Resumo: Rádio Vale do Minho e Presidência da República Portuguesa



Visita ao Jornal O Caminhense e diálogo com jovens

11 de Maio de 2021

O Presidente da República visitou, acompanhado pela Diretora do Jornal, Elsa Crisp e pelo Presidente da Câmara Municipal de Caminha, Miguel Alves, o jornal "O Caminhense" que celebra este ano o seu 50.º aniversário.

No final da visita, o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, participou num diálogo com três jovens locais, Mariana Fernandes, Sandra Gonçalves e Tiago Caçador, moderado pela jornalista Cláudia Aideda.



Visita ao Jornal e Rádio "O Caminhense"

11 de Maio de 2021


21/05/2021

Marcelo diz que crise na imprensa "significa pior qualidade da democracia" | TV24

MARCELO DIZ QUE CRISE NA IMPRENSA "SIGNIFICA PIOR QUALIDADE DA DEMOCRACIA"

Em Caminha, Marcelo disse ainda que pandemia veio "recolocar" debate sobre regionalização

101:00:10:2021 | 1:14



O presidente da República disse esta segunda-feira que uma das lições que tirou da pandemia é que a descentralização vai implicar uma "lógica mais vasta" ao nível de sub-regiões, "recolocando" o debate sobre a regionalização do país.

O poder local tem de ser um protagonista muito ativo nesta mudança, neste salto fundamental que se pretende e alguns casos não tem dimensão para isso. Para mim, uma das lições da pandemia foi de que a descentralização vai implicar qualquer coisa que tem a ver com unidades mais vastas do que apenas o município, ou até as Comunidades Intermunicipais. Vai ser preciso haver alguma lógica, uma estrutura, uma instância de poder e participação entre o poder central, municípios e Comunidades Intermunicipais, o que recoloca o debate sobre a regionalização", afirmou Marcelo Rebelo de Sousa.

O Chefe de Estado, que falava nos estúdios da Rádio de Caminha, durante um especial de informação em que participaram três convidados para uma conversa sobre o futuro daquele concelho do distrito de Viana do Castelo, defendeu uma "lógica mais vasta, de sub-região" como forma de "não perder a oportunidade para reconstruir" e não "remendar" o país depois de "uma paulada" de "um vazio de um ano e dois meses", referindo-se à pandemia de covid-19.

Na conversa radiofónica de cerca de uma hora, o presidente da República disse "senti-se em casa", que este tipo de programa "fazem história".

"Queria saudar o jornal Caminhense e a Rádio porque é um milagre resistir. Imprensa e rádio local ou regional, nestes tempos de quebra de publicidade, de crise de haver tanta gente a morrer neste setor"

https://tv24.kit.pt/publica/marcelo-rebelo-de-sousa-marcelo-diz-que-crise-na-imprensa-significa-pior-qualidade-da-democracia 1/5

Perdeu a visão depois dos 35 anos devido a um problema de saúde e, a partir daí, quase tudo mudou na sua vida. Teve que reaprender muita coisa e adaptar-se à sua nova condição. Não foi fácil, aliás foi até muito difícil mas depois de descer ao inferno, Isabel Varela conseguiu dar a volta por cima e hoje até consegue dar graças porque a sua incapacidade ensinou-lhe muita coisa. Numa entrevista ao Jornal C, Isabel Varela partilhou experiências e dificuldades do seu dia a dia enquanto invisual e deu a conhecer o seu cão guia, uma cadela labrador que a conduz pelas ruas da vila caminhense, defendendo-a dos perigos e indicando-lhe o caminho que ela não consegue ver. No decorrer da conversa a entrevistada explicou que um cão guia “não é uma mascote” e deixou algumas dicas comportamentais para quem se cruza com ela na rua quando vai acompanhada do seu cão guia. Falou ainda da cumplicidade existente entre as duas e a imensa gratidão que tem para com a sua amiga de 4 patas.

Jornal Caminhense (JC) – Isabel tu não nasceste invisual mas um problema de saúde atirou-te para esta condição. Imagino que a tua vida tenha mudado muito a partir de então.

Isabel Varela (IV) – Sim, de facto a minha vida mudou totalmente. Tive que parar, pensar e perceber que tinha que reestruturar toda a minha vida e perceber que aquilo que antes era deixou de ser. Tive que aprender praticamente tudo de novo mas hoje em dia posso-te dizer que estou imensamente grata pela aprendizagem porque no fundo foi uma oportunidade que a vida me deu.

Claro que uma coisa é uma pessoa nascer cega e nunca ter tido contato com a realidade visual, outra é perder-se a visão quando se tem 15 ou 18 anos e uma outra bem diferente é quando tu já tens toda a tua vida organizada e estruturada.

JC – E na tua opinião o que é mais difícil, nascer cego ou ficar cego mais tarde, depois de já teres tido a percepção daquilo que te rodeia. A adaptação é mais fácil ou mais difícil?

IV – Eu diria que depende e explico porquê. A verdade é que quem viu durante parte da sua vida e depois fica cego tem mais dificuldade em adaptar-se. Porquê? porque quando damos conta estamos a agir como se ainda víssemos e isso não pode ser. No meu caso concreto, tendo vivido grande parte da minha vida aqui na vila de Caminha, tenho uma memória visual de toda a vila. Conheço as ruas e sei para onde tenho que ir mas, com o passar do tempo, percebi que isto não era o suficiente e tive que recorrer a outros sentidos para conseguir ultrapassar os obstáculos que me pudessem surgir no meio do caminho. Quem vê foca-se essencialmente na visão mas quem não vê tem que utilizar os outros sentidos como é o caso do cheiro, do tato e do ouvido.

Eu quando vou na rua tenho que ir atenta ao som



dos carros, às correntes de ar que me indicam que posso estar por exemplo num cruzamento ou a chegar ao local pretendido. Quando a pessoa já viu conjugar tudo isto torna-se difícil e é preciso aprender a utilizar os restantes sentidos em substituição da visão que já não se tem.

Daí que eu diga que por um lado o facto de já ter visto em determinadas alturas me ajuda, mas por vezes leva-me a querer fazer aquilo que já não consigo fazer.

JC – É verdade que um invisual tem os restantes sentidos mais apurados?

IV – Eu acho que efetivamente isso vai acontecendo com o tempo mas não é uma coisa imediata. Digamos que é outra aprendizagem que nós os invisuais temos que fazer e que com o decorrer do tempo já se faz de forma inconsciente.

Eu costumo dizer em jeito de brincadeira que fiz um treino em relação a isso. Eu recordo-me por exem-

plo de estar sentada no meio da rua, sozinha, fechar os olhos e tentar aperceber-me de todos os sons que me rodeavam. Este exercício é muito importante porque com o tempo dá-nos um background maior para aquilo que é o nosso dia a dia. Se estívemos a fazer este exercício ao pé de uma pessoa normovisual, verificamos que a percepção de sons captada por um invisual é totalmente distinta.

JC – Como foi passar para esta nova condição?

IV – Não te vou mentir, heróis só existem na banda desenhada e no cinema. A realidade passa a ser outra e como é obvio quando se trata de alguém que viu a maior parte da sua vida, ficar cega é um grande soco no estômago. Uma pessoa vai ao fundo do poço e baixa ao inferno.

JC – E quando se chega ao fundo do poço?

IV – Quando se bate no fundo só temos dois cami-

nhos, ou ficamos lá, ou tentamos vir à tona e tentamos viver com esta condição da melhor forma. Quem me conhece sabe que não sou pessoa de desistir ou de me conformar e a determinada altura disse para mim que estava na hora de sair dali porque à minha volta havia uma vida para viver e um caminho a percorrer. Foi isso que fiz, comecei a aprender a viver com a minha nova condição. Estava cega mas não estava morta e por isso arregacei as mangas e comecei a aprender a viver com a condição de cega. Muitas vezes subi um degrau para depois descer dois mas nunca desisti e hoje costumo dizer que faço tudo o que fazia menos conduzir.

Voltando à questão inicial, não foi fácil mas aos poucos fui conseguido e atualmente estou imensamente grata por esta minha nova condição de pessoa cega porque houve toda uma aprendizagem que de outra forma nunca iria experimentar.

JC – Isabel pedia-te que partilhasses um pouco daquilo que é o teu dia a dia na rua. Quais são as principais dificuldades com que te deparas cada vez que tens que sair.

IV – Há várias situações distintas desde logo relacionadas com o comportamento dos normovisuais. Por um lado existem aquelas pessoas que pura e simplesmente passam indiferentes e na maioria das vezes não o fazem por mal, e temos uma outra situação em que as pessoas se prontificam para ajudar.

Em relação aos indiferentes sinceramente eu não condeno porque na maioria das vezes este tipo de comportamento tem a ver com o medo daquilo que é diferente. É normal ficarmos assustados ou sem saber o que fazer se estamos perante uma situação que desconhecemos. Isto é normal e faz com que as pessoas acabem por se afastar porque não sabem como ajudar. Cabe-nos a nós invisuais, desmistificar um pouco e dizer que ser cego não é nada do outro mundo, e que nós somos pessoas normais.

Depois temos aquelas pessoas que querem ajudar mas nem sempre o fazem da forma mais conveniente por desconhecimento. Também aqui nos cabe a nós explicar às pessoas como nos podem ajudar em caso de necessidade e a verdade é que por norma as pessoas entendem. Ninguém nasce ensinado e cabe-nos a nós fazer essa pedagogia, é nisso que eu acredito.

JC – Como é que tu te movimentas aqui em Caminha? É difícil, encontras muitos obstáculos? A vila está ou não adaptada para pessoas com incapacidade visual ou outras?

IV – Infelizmente Caminha não está preparada para pessoas como eu ou com outras limitações.

Enquanto utilizadora de bengala tive e tenho muitas vezes que ultrapassar obstáculos. Não me refiro apenas às barreiras arquitetónicas mas também a outras que são provocadas no dia a dia pelas pessoas. Estamos a falar de estacionamento indevidos, ocupação da via pública, enfim uma série de situações.

Às vezes pensa-se em colocar por exemplo um vaso num determinado local mas nunca ninguém se lembra se isso vai ou não dificultar o movimento das pessoas

CÃO DE TRABALHO, A MASCOTE

com limitações visuais ou outras. Eu também tenho o direito de poder circular normalmente como as outras pessoas mas muitas vezes isso não acontece. É por isso que eu quero muito em breve fazer chegar a quem de direito estas dificuldades e vou fazê-lo. E deixa-me dizer só mais uma coisa em relação a este tema, por vezes não é preciso gastar muito para se fazer bem feito.

JC - Vamos agora falar um pouco do teu cão guia, um labrador preto cujo nome não podemos revelar. Porquê Isabel?

IV – De facto não convém que as pessoas saibam o nome do meu cão guia porque o que pode acontecer é eu um dia ir a passar com ela na rua e as pessoas chamarem-na. É importante que as pessoas percebam que quando ela vai ao meu lado vai em trabalho, vai a guiar-me e qualquer distração pode ser complicado e até perigoso para mim. Eu sei que as pessoas quando me perguntam o nome dela não o fazem por mal, mas de facto há muito poucas pessoas que sabem o verdadeiro nome dela.

JC – Há quanto tempo é que ela está contigo?

IV – Esta minha amiga foi uma prenda de Natal e que deu por terminado um processo que eu já tinha iniciado há alguns anos e que por circunstâncias da minha vida a determinada altura tive que interromper.

Depois de retomar o processo, em dezembro do ano passado fui contactada pela escola, que me perguntou se eu estava preparada para ir buscar o meu cão guia dali a uns dias. Confesso que fiquei um pouco surpresa porque não estava à espera que fosse tão rápido porque é um processo longo e a questão da pandemia também não estava a ajudar.

JC – Ainda assim decidiste aceitar?

IV – Claro que sim, sem hesitar e no dia 7 de dezembro lá fui eu para Mortágua onde está localizada a única escola em Portugal que treina cães guias. Estive lá em estágio durante uma semana para conhecer esta minha amiga.

Depois dessa primeira semana de estágio em Mortágua, logo de seguida tive outra mas já aqui em Caminha, em que fui acompanhada por uma educadora que me avaliou.

JC – Há todo um processo de adaptação?

IV – Sim, o processo passa por uma adaptação que vai sendo avaliada. E eu até podia ter corrido o risco de não poder ficar com ela por falta de orientação ou mobilidade da minha parte para poder ser guiada pelo cão guia. A função da educadora é perceber se a dupla funciona e se não funcionar a escola não pensa duas vezes, pura e simplesmente não entrega o cão.

Só para se ter uma ideia do rigor do processo, eu tive a minha última avaliação há cerca de um mês. A educadora voltou a Caminha e finalmente disse-me que eu e o minha cadela tínhamos sido feitas



uma para a outra.

JC – Também sentiste isso?

IV – Como sabes o labrador é já por si um cão extremamente afetuoso que gosta de se dar a conhecer. Vou contar-te um episódio e já se vai perceber este laço entre nós. No primeiro dia que eu a conheci, eu estava sentada numa sala lá da escola com mais gente e quando ela entra na sala, acompanhada da educadora, tu acreditas que a primeira pessoa a quem se dirigiu foi a mim. Foi incrível porque parecia que ela sabia que eu que estava ali à espera dela. Foi uma espécie de amor à primeira vista.

É evidente que ao longo destes meses tivemos dias melhores e dias piores mas também não nos podemos esquecer que é um animal. Ao princípio tivemos que nos adaptar e acho que neste momento estamos no bom caminho.

Por vezes as pessoas pensam que um cão guia é uma máquina que está programada para obedecer

e não falhar. Nada mais errado, um cão guia também pode cometer falhar e isso acontece. Cabe-me a mim tentar perceber quando é que isso vai acontecer e ajuda-la a não cometer determinado tipo de erros e corrigir as suas falhas.

Repara há dias em que ela sai para trabalhar feliz e contente mas há outros que se percebe que o que ela queria era mesmo ficar em casa, tal como nós humanos.

JC – E como é que ela está hoje? Sentes que essa adaptação foi conseguida?

IV – Para ser sincera acho que ainda continuamos a aprender diariamente uma com a outra. Estamos muito melhor, houve uma evolução enorme desde dezembro, mas por vezes noto que ela ainda tenta fazer coisas que não devia porque está a trabalhar, mas é tudo normal.

JC – Como é que ela se comporta quando vê por

exemplo outro cão na rua? Isso é um problema?

IV – Inicialmente quando ela ia na rua e se cruzava com outro cão ignorava completamente porque foi treinada para isso, aliás ela sabe que no momento em que eu lhe ponho o arnês ela vai trabalhar, vai guiar-me.

Perto da minha residência existem cães que são deixados pelos donos à solta e isso causa alguns problemas porque ela sem querer pode-se distrair, dar um puxão e fazer-me cair, e em último caso pode até ser atacada e ficarmos as duas em perigo.

Estas situações fazem com que ela cada vez que se cruza com outro animal na rua fique com uma atitude desconfiada. Eu tento corrigir este comportamento dando-lhe uma recompensa (um biscoito) quando ela me obedece.

Às vezes criam-se situações desnecessárias de perigo porque as pessoas não cumprem a lei e deixam os cães à solta.

JC – Que dicas gostavas de dar às pessoas que se cruzam contigo na rua para que não cometam erros?

IV – Antes de mais é preciso que as pessoas percebam que um cão guia não é uma mascote. É um cão de trabalho que tem a nobre missão de me guiar, de guiar os meus passos. Assim sendo as pessoas nunca se devem dirigir ao cão guia para fazer festas ou chamá-lo. Se as pessoas quiserem saber alguma coisa devem dirigir-se única e exclusivamente a mim. Eu tenho explicado isto às pessoas e elas entendem imediatamente. Também percebo que a maioria das vezes as situações acontecem por falta de informação e é por isso que eu tenho essa ação pedagógica.

O importante é que as pessoas percebam que quando o cão guia vai na rua está a trabalhar e as pessoas não devem dirigir-se a ela, mesmo que ela esteja relaxada comigo numa esplanada enquanto eu tomo um café.

JC – E em casa essa rigidez também se aplica?

IV – Digamos que em casa eu sou um pouco mais permissiva. Ela brinca com todos os membros da família e ela por exemplo adora a minha mãe. Eu acho que ela percebe que a minha mãe está mais debilitada e ela é muito protetora em relação a ela.

É incrível porque ela não foi treinada para isso mas acho que é instintivo.

Ela adora os meus sobrinhos e brinca muito com eles, aliás quando o mais novo vem a minha casa acho que ela se esquece de mim.

JC – Consideras o teu cão um membro da família?

IV – Não tenhas dúvidas disso. Aliás inicialmente uma das minhas grandes preocupações era e quando ela se reformar? Ela não vai poder trabalhar sempre os animais são como nós, ficam com problemas de articulações, com cataratas e um dia vão ter que se reformar. Agora não penso tanto mas quando isso acontecer só há dois caminhos: ou fico com ela e passa a cão mascote a 100 por cento e eu recebo outro para o substituir. Se eu não tiver capacidade para ter dois cães eu terei que me afastar dela. Enfim, não quero pensar muito nisso, ela tem 3 anos e espero que ainda possa ficar muito tempo com ela.

JC – Tu adoras a tua cadela.

IV – Nem imaginas o sentimento de gratidão que eu tenho em relação a ela e todos os dias, com pequenos gestos de carinho, eu agradeço toda a atenção que ela tem comigo. Só quem passa por isso é que consegue perceber, é uma relação inexplicável e difícil de traduzir em palavras.

47º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL SOB O ESPETRO



A habitual sessão solene comemorativa do 25 de abril em Caminha, decorreu este ano no Cineteatro dos Bombeiros Voluntários de Vila Praia de Âncora e ficou marcada quer nos discursos, quer nos vários testemunhos, pela Pandemia que no último ano marcou e mudou por completo a vida de todos.

Os testemunhos de alguns caminhenses que viram a sua vida alterar-se por conta do vírus foi o momento mais marcante da sessão do 47º aniversário da Revolução de Abril.

Num vídeo exibido no início da sessão, e depois de um momento cultural, ouviram-se relatos emocionantes de quem viu a vida por um fio após contrair o vírus.

Gente jovem que nunca imaginou passar por uma experiência tão traumática. Mas como já se percebeu esta é uma doença que não escolhe idade, sexo ou estatuto, pode tocar a todos sem exceção.

Após cumprirem um minuto de silêncio em memória das vítimas da pandemia a sessão continuou como o habitual, dando a palavra aos representantes dos partidos com assento na Assembleia Municipal.

“QUE NÃO SE ESQUEÇA...” CELESTINO RIBEIRO – CDU

Celestino Ribeiro da CDU foi o primeiro a usar da palavra para apelar à memória de todos, lembrando o Portugal antes do 25 de abril, onde tudo era proibido, exceto alinhar com o sistema..

“Não se esqueça a supressão das liberdades de expressão, de reunião, manifestação e associação; Não se esqueça a proibição de partidos políticos, da liberdade sindical e do direito à greve; não se esqueça a censura e a repressão pela polícia política, que só no perí-

odo de 1932 a 1951, registou 20 552 prisões políticas; não se esqueçam os 13 anos de guerras coloniais com 10 mil mortos e 30 mil feridos, não se esqueça uma sociedade vigiada, marcada pelo obscurantismo e pelo condicionamento da vida cultural; Não se esqueça a exploração dos trabalhadores, o atraso civilizacional do trabalhador dominado pela fome e pelo medo; não se esqueça que só passaram 47 anos dos 48 em que o país se viu dominado, oprimido e ostracizado”.

O deputado da CDU enalteceu o poder local, considerando que “é no poder local que se depositam as esperanças mais próximas de um futuro presente, realizável, construído coletivamente, ansioso por encontrar as respostas e realizações no território nacional. É no poder local que reside a força reivindicativa do investimento nacional nos setores produtivos do território,

na valorização da pesca, da floresta, do turismo, das redes viárias, na valorização da cultura, saúde e educação”.

Em ano de eleições autárquicas, Celestino Ribeiro considera que a propaganda deve ser substituída “pelo esclarecimento e pela responsabilização do voto”.

O eleito da CDU reconheceu fragilidades no poder local em Caminha e lembrou que os eleitos têm obrigação de “corresponder àquilo que são as vontades e anseios de quem pelo seu voto exerceu o direito que Abril lhe deu”, concluiu.

“ABRIL, UMA DATA QUE NOS DEVE UNIR” - CARLOS VIDEIRA PSD

Carlos Videira do PSD iniciou a sua intervenção sublinhando que abril é uma data que a todos deve unir independentemente das convicções políticas de cada um e por isso “devemos celebrá-la em espírito de união, despindo-nos dos preconceitos ideológicos que poluem as pequenas e grandes opções, as pequenas e as grandes intervenções”, sublinhou.

O eleito do PSD fez questão de deixar claro que não iria usar o palco para “um comício ou espaço de guerrilha partidária sem direito ao contraditório como exigem os valores democráticos que hoje celebramos”.

Em vez disso, Carlos Videira fez questão de enaltecer o passado e o papel dos partidos e líderes “fundadores da nossa democracia”, nomeadamente Álvaro Cunhal; Mário Soares; Francisco Sá Carneiro e Freitas do Amaral.

O poder autárquico também foi sublinhado, bem como os autarcas que ao longo dos anos passaram pela Câmara de Caminha, nomeadamente Horácio Benvindo da Silva; José Joaquim Pita Guerreiro; Valdemar Patrício, Júlia Paula e Miguel Alves.

O deputado do PSD alertou ainda para o facto daquilo que era “a saudável divergência de opiniões, ter evoluído para o confronto que confunde adversários com inimigos, que é incapaz de resistir à simplificação absurda de problemas complexos e insiste na ridicularização do que é importante para o outro”, apontou.

“Aos poucos, estamos a perder o sentido de comunidade, substituindo-o por atitudes tribais, desprovidas de qualquer tipo de moderação ou racionalidade.”, acrescentou.

E talvez porque este é ano de eleições, Carlos Videira fez questão de deixar um aviso aos partidos políticos, para dizer que “o ataque desproporcional entre partidos serve apenas para consolidar, no cidadão comum, a ideia de que são todos iguais, que o poder não é um instrumento, mas um fim em si próprio. E isso tanto vale para as considerações que se fazem sobre o presente, como sobre o passado”.

Mas para o social democrata isto não significa que se tenha que branquear atitudes ou comportamentos nocivos, “o que não devemos é cair na arrogância do pensamento inevitável que é contrária à liberdade e à democracia”.

Citando o Papa Francisco, Carlos Videira deixou um apelo ao diálogo “que supere as dialéticas de um contra o outro”, re-

ferindo que é neste tipo de postura que se revê e pelo qual se tem guiado desde que foi eleito como deputado da Assembleia Municipal de Caminha.

“A REVOLUÇÃO QUE TROUXE A DEMOCRACIA” - HUGO MARTINS PS

Coube ao deputado Hugo Martins intervir em representação da bancada do PS. O socialista, começou por referir que uma das grandes conquistas de abril foi sem dúvida a democracia, no entanto aquele deputado considerou que há “muito ainda a fazer do sonho da revolução, na área social e na área económica, que permita a todos uma vida digna. O sonho de abril de 74 abriu as portas e abriu o caminho. O direito que todos temos de poder escolher quem nos vai governar, o direito de discordar sem receio e sem temor, sem perseguições”, sublinhou.

Mas apesar de todas estas conquistas, Hugo Martins pediu atenção “pois ainda existem por aí, em meios digitais desta época, alguns saudosistas com perfis retrógrados que promovem e procuram retomar os ideias do antes de 74. A ignorância que se procura, por vezes, manter e retomar os resquícios de um passado que nos deve envergonhar”, atirou.

O deputado socialista enalteceu o importante trabalho dos autarcas nestes tempos excecionais, destacando o papel da Câmara de Caminha e a forma como enfrentou toda a crise provocada pela pandemia. “A autarquia de Caminha, como entidade política pró-



DE ABRIL COMEMORADO DA PANDEMIA



xima dos cidadãos, atenta às suas necessidades imediatas de cariz social e cultural envolvente, está sempre na linha da frente de todas as batalhas para combater esta guerra”.

Num ano tão “sensível” e tão “dramático”, o deputado do PS fez questão de deixar palavras de agradecimento a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para debelar esta doença.

“Uma sentida palavra de homenagem para os profissionais de saúde, bombeiros, forças policiais e proteção civil e, bem assim, a todos e a todas que prestaram o seu trabalho em serviços essenciais ao nosso país”, rematou.

“A MAIOR AMEAÇA À DEMOCRACIA VEM DE DENTRO DA PRÓPRIA DEMOCRACIA” – MIGUEL ALVES

Miguel Alves, presidente da Câmara de Caminha, iniciou a sua intervenção com uma alusão e agradecimentos a todos quantos tornaram possível a revolução de 25 de abril de 74.

“Em abril lembramos quem fez abril, quem trouxe abril. Mas é importante perguntar o que é abril hoje e o que fazemos hoje por abril”.

O autarca de Caminha sublinhou a importância de se defender a democracia e chamou a atenção para os perigos e ameaças a que a mesma está sujeita.

“Uma das grandes e mais perigosas ameaças à democracia vem de dentro da própria democracia. A proliferação de notícias falsas, o endeuamento da credibilidade das redes sociais, o mau funcionamento das instituições, a insuficiência no combate à corrupção, a incapacidade de encontrar todas as respostas, a falta de transparência das decisões, o condicionamento financeiro das famílias,

empresas e instituições, a demagogia e linguagem dos políticos, a deterioração da formalidade processual, o insulto fácil, a promessa pífia, o libelo acusatório, a falta de preparação, etc. etc.”.

O autarca de Caminha alertou ainda para outros perigos que vão tomando espaço na sociedade, nomeadamente a “institucionalização do discurso racista e xenófobo, a inversão dos princípios constitucionais, a defesa da pena de morte, a condenação pública sem processo judicial, a incompreensibilidade das decisões dos tribunais, os financiamentos partidários obscuros, o enxovalho como argumento político, o ódio como motor de mudança, a promessa da violência como solução. Em todo o mundo, em toda a Europa, em Portugal. E no concelho de Caminha”, atirou.

Considerando salutar que existam diferentes opiniões e divergência relativamente a diver-

sos temas, uns mais localizados outros mais abrangentes, Miguel Alves não deixou de sublinhar aquilo a que chamou “uma indistigável repulsa pelas regras elementares do diálogo democrático que é preciso denunciar”.

O presidente da autarquia caminhense terminou a sua intervenção com um alerta: “se deixarmos que o ovo da serpente se instale, silencioso, no nosso quotidiano, um dia acordaremos num mundo diferente do que aquele que desejamos”, disse.

REGIONALIZAR É PRECISO – LUÍS MOURÃO

Luís Mourão, presidente da Assembleia Municipal (AM) de Caminha, encerrou a sessão solene do 47º aniversário da Revolução de Abril, com um discurso centrado no perigo dos movimentos populis-

tas e autoritários que, como referiu, podem ser “surpreendentemente atraentes para muitos, nomeadamente para os mais jovens”.

O presidente da AM começou por fazer um breve balanço dos últimos 47 anos considerando que apesar de se terem cometido alguns erros e se terem desperdiçado oportunidades, “avancamos muito, avancamos muitíssimo”.

Para Luís Mourão o balanço é claramente positivo e só os mais velhos sabem o que era Portugal de antes do 25 de abril de 1974. “Um país pobre, analfabeto, descalço, cinzento, deprimido”.

E para os que não acreditam ou acham um exagero Luís Mourão reforçou: “éramos um Portugal de Portugueses envergonhados de o serem”.

Para o presidente da AM é importante que os mais velhos saibam transmitir este testemunho aos mais jovens,

para quem estes valores como a liberdade, cidadania ou respeito pelas minorias, são dados adquiridos. “Valores que no entanto podem ser frágeis quando os perigos espreitam”, alertou.

A descentralização e a regionalização estiveram uma vez mais presentes no discurso de Luís Mourão que considerou “que só tem medo dela os burocratas centralistas receosos do seu poderzinho. Alargar as competências significa também contrariar a desertificação do interior e a inércia do movimento em direção às grandes cidades”, disse.

Sem quer estar a defender qual o tipo de regionalização a seguir, o presidente da AM lembrou que há vários modelos “Que se escolha um e que se faça. Mas que se faça. Que ninguém tenha medo de confiar nos autarcas e de deixar decidir quem democraticamente decide”, concluiu.




GRUPO MOVE
RE/MAX
MOVE NÁUTICA
 CAMINHA

ABERTURA EM MARÇO. VISITE-NOS!

Avenida Manuel Xavier, n.º 4
 4910-105 Caminha
 movenautica@remax.pt
 remax.pt/movenautica

QUER COMPRAR OU VENDER UM IMÓVEL? FALE COMIGO!

Fabiano Ferreira
932 888 206

GRUPO MOVE
O SEU PARCEIRO NO MINHO!
 BRAGA · CAMINHA · CELORICO DE BASTO · PONTE DE LIMA · VIEIRA DO MINHO



PUB.



ANTÓNIO CALÇADA DE SÁ É O NOVO PRESIDENTE DO CONSELHO DA DIREÇÃO DA DIÁSPORA PORTUGUESA

Depois de ter sido notícia em 2011 ao vencer o prémio de melhor gestor ibérico do ano e, em 2014, voltar a dar que falar ao ser condecorado pelo presidente da República com a Ordem Nacional do Infante D. Henrique com a categoria de Comendador, o caminhense natural da freguesia de Venade, António Calçada de Sá, diretor executivo da Repsol e presidente da Repsol Portuguesa, voltou a ser notícia nos últimos dias, desta vez ao ser eleito por unanimidade

Presidente do Conselho da Direção, da Diáspora Portuguesa.

O Conselho da Diáspora Portuguesa, reunido em Assembleia Geral no passado dia 5 de Maio, elegeu por unanimidade o executivo da Repsol, atual Diretor Geral e Vice-Presidente da Fundação, António Calçada de Sá.

Membro fundador deste Conselho, que foi criado em 2012, António Calçada de Sá tem contribuído de forma ativa para o seu desenvolvimento enquanto instrumento de diplomacia económica e influência a nível internacional na defesa dos interesses de Portugal.

O novo Presidente do Con-

selho de Direção da Diáspora é licenciado em Engenharia Química pelo Instituto Superior Técnico, MBA pelo IE Business School de Madrid e pelo IMD de Lausanne.

Além das suas atuais funções executivas na Repsol reportando diretamente ao Presidente da companhia, António Calçada de Sá é ainda o Presidente da Câmara de Comércio de Portugal em Espanha.

Na sua primeira mensagem ao Conselho como novo Presidente, António Calçada de Sá agradeceu o extraordinário trabalho realizado por Filipe de Botton desde 2012 que passa agora a ter o cargo honorífico de Presidente Fundador.

CONSELHO

DA DIÁSPORA PORTUGUESA

O Conselho da Diáspora é uma associação privada sem fins lucrativos, fundada em 2012, com o Alto Patrocínio da Presidência da República e do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Em 2017 foi concedido à Instituição a distinção de Utilidade Pública e em 2019 foi atribuído ao Conselho da Diáspora o estatuto de Organização Não Governamental para o Desenvolvimento.

O Conselho da Diáspora constitui uma forte e extensa rede de ligação entre portugueses e luso descendentes espalhados pelo mundo, The World Portuguese Network, que integra 90 membros em 26 países, 47

idades e 5 continentes, com trabalho proativo, intervenção e influência nas áreas da Economia, Ciência, Cultura e Cidadania.

Recém eleito e no seu discurso de abertura ao Conselho, António Calçada de Sá agradeceu ao Presidente Honorário do Conselho da Diáspora, S. Exa., o Senhor Presidente da República, ao Presidente da Mesa da Assembleia, Dr. José Manuel Durão Barroso e a Filipe de Botton pela confiança e apoio manifestado na sua designação como novo Presidente.

“Como Diáspora Portuguesa, como portugueses espalhados pelo mundo, como académicos, cientistas, executivos, empresários e jovens empreendedores, temos pela frente um novo con-

texto, tão difícil como complexo, um mundo novo em transformação onde o nosso compromisso deve ser renovado, com muita energia, cada dia, todos os dias.

Aceitei este cargo com grande honra e com responsabilidade acrescida. Declaro desde já o meu compromisso para continuar a consolidar, reforçar e renovar o legado recebido. O Conselho da Diáspora cresceu muito e terá que continuar a crescer muito. Temos uma excelente articulação com as todas as instituições, com o Governo de Portugal e com a Presidência da República e continuaremos por essa via com um único objetivo: ser uma grande rede de utilidade na defesa da imagem e dos interesses de Portugal no Mundo.”



HOSPITAL PARTICULAR
GRUPO SAÚDE
VALENÇA

JÁ ABRIU!
251 104 053

UNIDADE DE AMBULATÓRIO

ESPECIALIDADES MÉDICAS

ATENDIMENTO PERMANENTE

ANÁLISES CLÍNICAS

UNIDADE DE FISIOTERAPIA



PRINCIPAIS ACORDOS E CONVENÇÕES

ADSE | ADVANCE CARE | ADVANCE WELLS | CGD/SS | MÉDIS | MULTICARE | SAD-GNR | SAÚDE PRIME | SAMS/SIB | SAMS/N

www.hospitaldeviana.com
hospitalparticulardevalenca@hospitaldeviana.com
Avenida Miguel Dantas, Edifício Portas y Arcas - Frações AT, IV, CO e DO - Valença

TRATAMOS AFETIVAMENTE



AUTO REPARADORA E REPRESENTAÇÕES, LDA



MECÂNICA



DIAGNÓSTICO



ELETRÔNICA



REVISÕES



PNEUS



ESCAPES



AR CONDIC.

LUGAR DO CORGO • VILARELHO • 4910-603 CAMINHA
TEL. 258 721 457 • TELM 968 581 398



GERMANO DE SOUSA

CENTRO DE MEDICINA LABORATORIAL

AGORA EM CAMINHA ANÁLISES CLÍNICAS



Fazemos
colheitas ao
domicílio



INFORMAÇÕES



GERMANO DE SOUSA
CENTRO DE MEDICINA LABORATORIAL

www.germanodesousa.com



Estamos na Av. São João de Deus nr.12

Horário de Funcionamento: dias úteis 7h30 às 12h00 e das 14h00 às 16h00 e aos Sábados das 7h30 às 10h30

VENHA VISITAR-NOS. ESPERAMOS POR SI!



CAMINHA

TRAVESSIA PEDONAL DA TRAVESSA DO TEATRO NÃO CONTEMPLA PESSOAS COM MOBILIDADE REDUZIDA



O Ministro das Infraestruturas e Habitação, Pedro Nuno Santos, inaugurou “simbolicamente” a travessia pedonal inferior da Linha do Minho na Travessa do Teatro, em Vila Praia de Âncora.

A construção de uma passagem inferior era uma reivindicação da população e isso mesmo foi sublinhado pelo Ministro que destacou a importância da obra, referindo que esta é uma promessa cumprida, que se traduz numa travessia que serve as pessoas, correspondendo à sua vontade.

O Governante frisou que, apesar da dimensão desta intervenção, “estamos na presença de uma obra tecnicamente complexa, mas que se justifica porque faz a diferença na vida das pessoas”. O responsável admi-

tiu que a intervenção se deve à muita insistência da Câmara Municipal de Caminha e do seu Presidente, e que se traduz numa dupla vitória para o município, não só porque conseguiu a obra mas porque conseguiu também que ela fosse financeiramente suportada pela Infraestruturas de Portugal e enquadrada na modernização da Linha do Minho.

O presidente da Câmara de Caminha, Miguel Alves, recordou todo o processo, recuando a 2013, lembrando que nessa altura “não havia plano, não havia projeto, não havia concurso de empreitada, não havia nada”.

Carlos Castro: “Satisfeito mas só a 50%”

Presente na abertura da passagem inferior, o presidente da Junta de Freguesia de Vila Praia

de Âncora, Carlos Castro (PSD), mostrou-se satisfeito com a obra “mas só 50 por cento”. O autarca lamentou que aquela passagem não tenha tido em conta as pessoas com mobilidade reduzida.

“Estamos a falar de uma obra que é paga com os impostos de todos os portugueses mas que infelizmente não vai poder servir toda a gente, nomeadamente as pessoas com mobilidade reduzida”.

O autarca referiu ao Jornal C que ainda chegou a deslocar-se a Lisboa para pedir que aquela passagem pudesse contemplar a construção de uma rampa mas tal não foi possível.

“Na altura o que me foi dito é que iriam contemplar uma passagem para pessoas com mobilidade reduzida na passagem de nível da Rua Cândido dos Reis. Até agora isso ainda não foi feito. Disseram-me hoje que iria avançar, espero que sim pois só assim poderemos colmatar esta falha”, disse.

De referir que a abertura da travessia pedonal inferior da Linha do Minho na Travessa do Teatro coincide com as primeiras passagens de comboios elétricos naquela via. A obra em Vila Praia de Âncora acompanhou a empreitada de Modernização da Linha do Minho e hoje é uma realidade. A empreitada de modernização da Linha do Minho no troço Viana-Valença corresponde a um investimento global de 18 milhões de euros e integra a candidatura submetida no âmbito do COMPETE 2020 que prevê um financiamento comunitário de 85%.

INCUBADORA VERDE EM ARGELA REFORÇA PAPEL DA FREGUESIA NA VERTENTE DO EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL



Já está em construção a futura Incubadora Verde do concelho de Caminha. O equipamento vai nascer na freguesia de Argela, resultando da requalificação da antiga escola primária. Com o foco na promoção do empreendedorismo, o equipamento resulta de uma candidatura apresentada pela Câmara de Caminha, com sucesso, ao Programa Operacional Regional do Norte. O investimento ronda os 200 mil euros, sendo a comparticipação comunitária de 85% e os restantes 15% suportados pelo Município de Caminha.

Para a Presidente da Junta de Argela, o investimento tem uma vantagem dupla, ou seja, por um lado vem dar uma nova vida a um edifício que estava fechado e a degradar-se e que, por causa deste projeto, vai ser requalificado. Por outro lado, sublinha Sandra Ranhada, esta, que será uma mais-valia para todo o concelho, mas sobretudo será um sinal de modernidade e de progresso para Argela, trazendo mais pessoas

e novas experiências a uma freguesia de interior.

Sandra Ranhada saúda de resto a escolha da freguesia pelo Município, que tem pleno sentido e contraria pela positiva o que é muitas vezes a tendência, em tantos territórios, de levar as infraestruturas para os locais mais povoados, por norma freguesias do litoral. A Câmara de Caminha, e muito bem, refere, teve uma preocupação de equilíbrio, escolhendo Argela.

A candidatura aprovada: “Incubadora Verde, para apoio ao empreendedorismo rural e sustentável - Escola Primária de Argela”, tem por objetivo a criação de uma incubadora verde que contribuirá para a promoção do microempreendedorismo e empreendedorismo social. A estrutura será um lugar para a criação de empresas ligadas ao setor primário, à valorização dos produtos locais e à recuperação do património natural, da cultura e dos saberes.

A Incubadora Verde para apoio ao empreendedorismo rural e sustentável tem como objeti-

vos: a criação de um viveiro de empresas ligadas ao sector primário, à valorização dos produtos locais e à recuperação do património natural, da cultura e dos saberes tradicionais; identificar no concelho de Caminha os produtos que poderão ser produzidos com excelente qualidade em modo biológico; promover o investimento no setor primário, na sua valorização, aproveitando áreas desertificadas e disponíveis; apoiar o investidor, no âmbito empresarial, através de um conjunto de empresas, permitindo contacto direto com um Técnico Oficial de Contas, Design Gráfico, Arquitetos Paisagistas, entre outros, de modo a definir com qualidade o seu projeto e a sua implementação e a criação de um selo de qualidade da região, de modo a identificar a origem e qualidade dos produtos. Pretende ainda a formação nos investidores e produtores em diversos domínios do setor primário, valorizando a agricultura biológica; incentivar o empreendedorismo nos jovens locais e a internacionalização dos produtos.

A candidatura “Incubadora Verde para apoio ao empreendedorismo rural e sustentável - Escola Primária de Argela” foi submetida ao Programa Operacional Regional do Norte; cujo eixo prioritário é o emprego e mobilidade dos trabalhadores; e cujo objetivo temático é promover a sustentabilidade e a qualidade do emprego e apoiar a mobilidade laboral.

PUB.

Centro Oculista CASA FUNDADA EM 1976
20% de desconto em cartão 65+ e brinde

Rua da Corredoura, 121 Tlf. 258 921 558- 4910 Caminha
Praça da República, 26 Tlf. 258 951 240 - 4910 V.P. Âncora

caminha.clickviaja.com
A sua agência de viagens em Caminha!

Pça. Conselheiro Silva Torres, nº2
4910-122 Caminha, Portugal
Tel.: + 351 258 404 394 / +351 933827213
Email: caminha@clickviaja.com
RNAVT 6309

- Bilhetes Aéreos
- Hotéis
- Pacotes Turísticos
- Circuitos
- Rent-a-car
- Cruzeiros
- Grupos
- Seguros de Viagem
- Vistos

SERVIÇOS DE SAÚDE

Policlínica de Caminha

RUA ENGº LUÍS AGOSTINHO PEREIRA DE CASTRO

BLOCO 6 – LOJA 1
4910-102 CAMINHA
TEL. 258 721444

Policlínica de Âncora

RUA ALMADA NEGREIROS

VILA PRAIA DE ÂNCORA
4910-458 - TEF.: 258 911 502
ou 258 911 093
FAX: 258 911 082

E.mail: poliancora.saude@sapo.pt



1.5 MILHÕES DE EUROS PARA CRIAÇÃO DE INFRAESTRUTURAS DE VALORIZAÇÃO DA MARGEM ESQUERDA DO RIO COURA



CAMINHA COM CINCO BANDEIRAS AZUIS NAS PRAIAS EM 2021

O concelho de Caminha mantém, na próxima época balnear, as cinco Bandeiras Azuis. Todas as praias marítimas hasteiam a Bandeira Azul em 2021: Praia da Foz do Minho, Praia de Moledo, Praia de Vila Praia de Âncora e Praia do Forte do Cão, assim como a praia fluvial das Azenhas, em Vilar de Mouros.

Recorde-se que, em 2015, pela primeira vez em 26 anos, desde que a Bandeira Azul era atribuída, o concelho de Caminha conseguiu conquistar a Bandeira Azul nas quatro praias marítimas, incluindo a de Vila Praia de Âncora nas praias galardoadas.

Em 2018 atingiu-se outra importante conquista, com o sucesso da candidatura da Praia das Azenhas, em Vilar de Mouros. Em 2019 voltou a ser “tudo azul” e em 2020 repetiu-se: cinco candidaturas – cinco Bandeiras Azuis.

A época de 2021 reafirma a qualidade das praias e reflete a continuidade do esforço que o Município tem vindo a desenvolver, não só através do investimento em infraestruturas por todo o concelho, mas também na salvaguarda de todas as condições que correspondem aos critérios do Programa Bandeira Azul da Europa.

A Bandeira Azul é um símbolo de qualidade ambiental atribuído anualmente a praias fluviais e costeiras que se candidatam ao galardão e que cumprem um conjunto de critérios. Os Critérios do Programa Bandeira Azul para praias estão divididos em quatro grupos: Informação e Educação Ambiental; Qualidade da Água; Gestão Ambiental e Equipamentos; Segurança e Serviços.

A intervenção estende-se por uma área de 124 hectares e contempla a criação de circuitos pedonais entre Caminha e Vilar de Mouros.

Caminha vai receber 1.5 milhões de euros para poder avançar com a criação de infraestruturas de valorização e visitação da margem esquerda do rio Coura, desde a ponte de Vilar de Mouros até à foz daquele curso de água em Caminha. Numa cerimónia realizada na cidade de Coimbra que contou com a presença do Primeiro-Ministro António Costa e do Ministro do Ambiente e Ação Climática, Matos Fernandes, Miguel Alves assinou um protocolo com a Agência Portu-

guesa do Ambiente que permitirá um investimento numa área de cerca de 124 hectares, tendo como objetivo primordial a preservação e requalificação dos valores naturais em presença, através da reabilitação e valorização desta zona estuarina, de forma a evitar os riscos de cheia, e também pela divulgação e sensibilização do seu valor natural.

A intervenção consiste na execução de um conjunto de trabalhos com vista à diminuição do risco, e preservação, requalificação e divulgação da zona estuarina do Rio Coura, desenvolvidos no âmbito do “Estudo Hidrológico e Fluvial dos rios Âncora, Coura e Neiva”

elaborado pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto para a Polis Litoral Norte e das indicações mais recentes do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, contemplando a estabilização de margens deste importante curso de água com recurso a técnicas de engenharia natural, a recuperação de zonas da galeria ripícola, plantação de árvores e arbustos, a eliminação de manchas de espécies exóticas invasoras ao longo das margens do rio Coura e a plantação de caniçais, a criação de percursos pedonais e cicláveis ao longo de toda a extensão da intervenção, o reordenamento

do estacionamento na zona do Cais do Pego / Campo de jogos de Venade, a colocação de caixas-abrigo para morcegos e caixas-ninho para aves, a colocação de mobiliário urbano diverso, como barreira para impedimento de tráfego viário e de placards informativos dos valores naturais, assim como de mesas com bancos, suporte de estacionamento de bicicletas e estruturas de sombreamento.

No que concerne aos percursos pedonais e cicláveis, estes terão uma extensão de aproximadamente 7,2 km e serão executados na margem esquerda do rio Coura, com base em perfis tipo, de 2,5 metros de

largura, em pavimentos variados e adequados a cada local, sendo desenvolvidos de forma a serem integrados na Ecovia do Litoral Norte.

REACT-EU é o acrónimo de Recovery Assistance for Cohesion and the Territories of Europe (Assistência de Recuperação para a Coesão e os Territórios da Europa). Trata-se de uma iniciativa que dá continuidade e alarga as medidas de resposta a situações de crise e de reparação de crises dadas pela Iniciativa de Investimento de Resposta à Crise do Coronavírus (CRII). Esta iniciativa contribuirá para uma recuperação ecológica, digital e resiliente da economia.



PUBLICIDADE:
258 921 754 OU 258 922 754



OCULISTA IDEAL DE CAMINHA

José Augusto Fernandes Oliveira
(óptico desde 1967)

TÉCNICA . PERFEIÇÃO . QUALIDADE
A sua visita o comprovará

C.C. Camicentro, Lj. 23 (ao lado dos Bombeiros) Rua Visconde Rego
4910-156 Caminha | Telf./ Fax: 258 721 028

RUI RAMALHOSA

Economia - Gestão - Contabilidade - Fiscalidade

CONTABILISTA CERTIFICADO

Av.º Manuel Xavier, 88
C.C. Estação Lj BC
4910-105 Caminha

Tlm 968 022 369
Email.: rjgramalhosa@hotmail.com





MINISTRO DO AMBIENTE APENAS GARANTE QUE NÃO HAVERÁ EXPLORAÇÃO DE LÍTIO NA SERRA D'ARGA DENTRO DA ZONA INCLUÍDA NA REDE NATURA 2000

O ministro do Ambiente diz que não haverá exploração de lítio na Serra d'Arga, mas apenas na zona que está abrangida pela Rede Natura 2000.

A garantia foi dada por João Pedro Matos Fernandes que disse que não haverá exploração de lítio na zona de Rede Natura 2000 da Serra d'Arga, embora localizações nesta serra façam parte do concurso.

“A Serra d'Arga estará incluída no concurso que queremos

lançar no final deste ano, mas todo o sítio da Rede Natura 2000 que corresponde a aproximadamente metade do mapa inicial, está excluído”, garantiu João Pedro Matos Fernandes.

Em Vila Nova de Gaia, após uma visita às obras de requalificação da frente ribeirinha daquele concelho do distrito do Porto, o ministro do Ambiente e da Ação Climática comentou as declarações do Presidente da República na Rádio

Caminha, sobre a matéria, garantindo que o Governo “já tinha tomado” a decisão de “retirar do mapa inicial” uma zona da Serra d'Arga.

“O que o senhor Presidente da República disse é algo que já dissemos. Não vai haver de facto nenhuma exploração de lítio no sítio da Rede Natura 2000 da Serra d'Arga. Isso é uma decisão que o Governo já tinha tomado”, frisou.

E esclareceu sobre o que é o “mapa inicial”: “É um mapa estritamente geológico e que delimita quais são os locais onde há potencialmente, porque é preciso fazer a sua prospeção, mais lítio em Portugal, e um deles é a Serra d'Arga”.

O Presidente da República, que participou numa conversa nos estúdios da Rádio de Caminha, disse acreditar que “jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga”, porque a lei “tornou o processo muito complexo”.

“Eu acho que jamais venha a haver uma mina na Serra d'Arga. As pessoas olham e dizem, mas a lei, teoricamente, pode permitir, nós sabemos como é. Há uma lei de 2015 que demorou imenso tempo a regulamentar. A regulamentação para fazer um equilíbrio tornou o processo muito complexo, tão complexo que a sua própria aplicação é muito complexa. Significa que logo isso, o decreto-lei que dá execução à lei torna mais complicado o processo para todo

o território continental”, afirmou Marcelo Rebelo de Sousa.

A Serra d'Arga abrange uma área de 10 mil hectares nos concelhos de Caminha, Vila Nova de Cerveira, Viana do Castelo e Ponte de Lima, dos quais 4.280 hectares se encontram classificados como Sítio de Importância Comunitária.

Em causa está uma serra que está atualmente em fase de classificação como Área de Paisagem Protegida de Interesse Regional, numa iniciativa conjunta daqueles quatro concelhos do distrito de Viana do Castelo para garantir a proteção daquele território de eventuais projetos de prospeção ou exploração de lítio e de outros minerais.

Em setembro de 2020, a Câmara de Vila Nova de Cerveira foi a última a aprovar, por unanimidade, em reunião do executivo municipal, a proposta de criação da Área de Paisagem Protegida Regional da Serra d'Arga, que inclui mais três concelhos do Alto Minho. A primeira foi a Câmara de Ponte de Lima, em maio, seguindo-se, em setembro, Viana do Castelo e Caminha.

Com aquela decisão, os municípios autorizaram a criação da Área de Paisagem Protegida Regional da Serra d'Arga, processo que inclui a constituição de uma associação de municípios com fins específicos que garanta a respetiva gestão que está ainda por formalizar.

REABILITAÇÃO DA ZONA ENVOLVENTE DO MERCADO MUNICIPAL DE VILA PRAIA DE ÂNCORA JÁ ARRANCOU

Já se iniciou a reabilitação da zona envolvente do Mercado Municipal de Vila Praia de Âncora, um investimento de 33.530,08€. Esta obra faz parte da 1ª fase do Plano de Pavimentações que vai ser executado em quatro freguesias do concelho, Vila Praia de Âncora, Caminha e Vilarelho, Moledo e Cristelo e Riba de Âncora, como resposta a situações de pisos irregulares ou degradados.

Esta primeira fase arrancou com a intervenção na zona envolvente do Mercado Municipal de Vila Praia de Âncora, e engloba trabalhos de reperfilamento, repavimentação do pavimento em betuminoso e pinturas horizontais. Recorde-se que aquela zona se encontrava em estado de degradação. As obras são bem visíveis e estão a decorrer a bom ritmo.

A 1ª fase do Plano de Pavimentações está orçada em cerca de 300 mil euros e engloba intervenções na Rua 31 de Janeiro, também em Vila Praia de Âncora; na Rua Benemérito Joaquim Rosas, em Caminha; na Avenida de Santana, em Moledo e na Estrada Municipal 105 em Riba de Âncora.

INTERVENÇÃO NA RUA DO FÊLO EM MOLEDO ORÇADA EM 237 MIL EUROS

Está a decorrer na rua do Fêlo, em Moledo, a obra da rede de águas residuais, uma intervenção orçada em 237 mil euros.

Esta intervenção de construção da rede de águas residuais na Rua do Fêlo em Moledo, vai abranger 35 ramais, 220 metros de coletor gravítico e 200 metros de conduta elevatória. A obra ainda abrange a execução de uma estação elevatória. É de referir ainda que as Águas do Alto Minho na área de intervenção estão a substituir a conduta de abastecimento de água.

Esta obra a decorrer em Moledo faz parte da empreitada de Execução de Sistemas de Abastecimento de Água e Águas Residuais que vai construir mais de 14 quilómetros de rede de saneamento e cinco estações elevatórias, permitindo ainda alargar a rede de abastecimento de água. Esta empreitada vai permitir construir rede de saneamento em Venade, Azevedo, Moledo e Âncora, e expandir a rede de abastecimento de água em Moledo. Na globalidade, esta intervenção vai servir 493 habitações e 558 habitantes.

A “Empreitada de Execução de Sistemas de Abastecimento de Água e Águas Residuais foi aprovada no âmbito da aprovação da candidatura ao Programa Operacional Sustentabilidade e Eficiência no Uso de Recursos, aviso “POSEUR-12-2017-05 – Ciclo Urbano da Água”, cujo investimento total supera os dois milhões de euros. nicipes é uma das apostas do executivo caminhense.

PUB.

Intermarché
SUPER

Distriâncora-Supermercados, Ida
tel 258959140-fax 258912955

Superareosa-Supermercados, Ida
tel 258808090-fax 258838534

PAREDÃO 476
MOLEDO

TAPAS
HAMBURGUERIA ARTESANAL (TAKE AWAY)
CREPERIA E CAFETERIA
GIN'S E COCKTAILS
VINHOS E CERVEJARIA
TERRAÇO VISTA MAR
MÚSICA AO VIVO E DJ'S
SURF SHOP

+351 258 724 062 . 965 836 998
PAREDÃO476

MODERNIZE-SE
Não perca tempo!! Esteja um passo à frente...

AUTOMOWER®
O robô corta-relvas
DEMONSTRAÇÃO GRÁTIS

25 ANOS DE INOVAÇÃO AUTOMOWER®

BRUNO MOUTEIRA, tel 967 218 772
Peça demonstração grátis no seu terreno



O CAMINHENSE

Conversas de Caminha

TIAGO TARON



A FORÇA DO CARÁCTER, HOMENAGEM AO SR. CORREIA

Éramos vizinhos, de varandas pegadas. Gostava de o encontrar na sua varanda quando fazia bom tempo. Alto, seco, grave e suave. Lembro-me do Sr. Correia desde os tempos da sua loja da Singer (onde hoje está o bar 111).

Quando vim para Caminha e abri a Alminha, fez-me o favor de percorrer o seu recanto mágico, com vagar e verdadeira emoção. Falou-me da sua infância e de como as peças que via ali reproduziam memórias dessa mesma infância em Moledo (a primeira bicicleta, o primeiro barco, o primeiro carro).

Cada peça de madeira tinha um enredo que a tornava ainda mais “cinematográfica”. De repente eu estava no mesmo mundo da Fábrica de Chocolate ou da oficina de Gepeto, pai do Pinóquio.

Pouco antes da Pandemia fez 100 anos. Desejei então que chegasse pelo menos aos 111, que é o número da sua porta. Fizem-lhe uma bonita homenagem e voltou-se a falar do seu incrível mundo de madeira que as suas histórias animavam animando as suas figuras de madeira com uma vida que vinha da sua voz baixa, pausada e - sei que me repito - suave.

Havia no Sr. Correia a serenidade de um século de saber (viver!). Quando ganhámos o Europeu, voltámos a encon-

trar-nos à varanda onde cada um tinha a sua bandeira orgulhosamente desfraldada, ambas lado a lado nos seus paus de bandeira. Festejando ao vento.

- “Bom dia Sr. Correia, que belo dia faz e que bonita que fica a sua bandeira aí, com o rio ao fundo”. Respondeu-me: - “Obrigado. Também gosto da sua bandeira. Fica bem aí!”

Há alguns dias soube pela D. Fernanda - que todos os dias ia a casa do Sr. Correia - que o Sr. Correia tinha falecido. Ficou triste a minha casa. Ficou e está triste pela perda da presença do Sr. Correia, por não nos termos visto durante o último ano, de não lhe voltarmos a dizer como admirávamos o que tinha feito na sua oficina mágica.

Hoje, pela primeira vez após o seu falecimento vi a sua filha, a quem procurei transmitir os meus sentimentos. Tinha regressado à casa do pai pela primeira vez após o seu falecimento. Regressava para colocar na varanda a bandeira do Sporting que ele tinha feito e desenhado para quando o seu Clube voltasse a ser Campeão. A bandeira do Sporting lá estava (e está), com o leão como o “leão passante” do brasão da casa de Vila Real, feito pela mão do Sr. Correia, sobre o fundo branco que a mesma mão contornou a verde. Fiquei a olhá-la, enquanto a sua filha partia comovida. Subi à




minha varanda e tirei à bandeira do Sr. Correia a fotografia que se pública.

Parabéns Sr. Correia, o seu Clube foi Campeão e que bonita que fica a sua varanda com essa bandeira!

Quis colocar a minha bandeira de Portugal na varanda, para lhe dizer, quando o visse pela manhã, na sua varanda, que era a minha homena-


gem ao seu carácter, o mesmo carácter que explicará a vitória do seu clube. Seria demasiado teatral, colocar lá a bandeira e o Sr. Correia não gostava de espalhafato. Fica aqui então a minha homenagem ao Sr. Correia e a todos os meus amigos Sportingistas, por aquilo que faz os homens ou os clubes grandes: o carácter!

 Instituto de Línguas Eiras

Cursos de línguas: diurnos e nocturnos, em grupos e individuais, para adultos e estudantes, em: Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Italiano, Russo, Português (para estrangeiros)

TRADUÇÕES: de toda a espécie, por tradutores juramentados!

Informe-se:
INSTITUTO DE LÍNGUAS EIRAS, LDA
Rua de Santo António, 120-2º
4900-492 Viana do Castelo
Tel. 258 826636 - Fax: 258 823093
e-mail: geral@linguaseiras.pt
www.linguaseiras.pt



 **LARA**
INSPECÇÃO TÉCNICA DE VEÍCULOS

 www.lara.pt
geral@lara.pt 

TRABALHAMOS PARA A SUA SEGURANÇA

CENTRO DE CATEGORIA "B" • INSPECÇÕES A VEÍCULOS LIGEIROS • PESADOS • REBOQUES • SEMIRREBOQUES
Inspeções periódicas • Inspeções facultativas • Inspeções extraordinárias
Inspeção p/ atribuição de matrícula nacional • Outras inspeções determinadas IMT, IP

Horário: 2ª a 6ª das 8h30 às 18h30 • Sábado das 8h30 às 12h30
Zona Ind. 1 - 4920-012 Campos - V.N. Cerveira • Tlf. 251 798 800 • Fax 251 798 801



ÂNCORAMAR
RESTAURANTE



www.ancoramar.pt
Tel./Fax: 258 911 183 • R. Cândido dos Reis • Vila Praia de Âncora

QUANDO A PANDEMIA DA GRIPE ESPANHOLA SE ABATEU NO ALTO MINHO (1918-1919)

Os casos da cidade de Viana do Castelo, concelhos de Caminha e de V. N. de Cerveira

6- Como se viveu a pandemia da gripe na cidade de Viana do Castelo

No acervo documental de Viana do Castelo, conserva-se o Livro de Enterramentos da Cidade 1, onde se inscrevem a identificação dos falecidos, residências, patologias, etc. Esta informação permite-nos efetuar, com particular precisão, a geografia dos casos de gripe, quantificar e aferir as causas de óbito (quando são mencionadas), sempre em cruzamento com os registos paroquiais de óbito e demais hospitais (assistenciais e militar).

O Hospital da Misericórdia constituía a maior instituição de assistência na cidade. Segundo o seu Livro das Dietas, albergava, a 12 de outubro de 1918, no período mais crítico da crise, 96 pacientes (em meses normais, a média girava entre 30-40 doentes). (...) Con-

forme é possível observar nos gráficos 1 e 2, no movimento de óbitos da Misericórdia de Viana do Castelo que percorre o período desde 1912 a 1932, foi o ano de 1918 que compreendeu o maior número de óbitos, sendo o mês de outubro aquele que assinala o pico máximo, correspondendo ao movimento idêntico já mencionado.

Durante a crise gripal (agosto a dezembro de 1918), 122 óbitos ocorreram em Monserrate e 105 em Santa Maria Maior. Somam-se mais 56 no Hospital da Misericórdia, 15 no Hospital da Caridade, 1 no Asilo das Meninas Órfãs e 24 no Hospital Militar. O primeiro óbito registado na cidade com gripe pneumónica foi a do soldado Arnaldo Martins, de 22 anos, no dia 24 de agosto. Este facto remete-nos novamente para o papel central da mobilidade dos militares na disseminação do contágio, uns vindos de li-

cença da frente da guerra, outros mobilizados de quartel em quartel. Entre setembro e outubro, faleceram mais 21 militares. A este respeito, relatava a imprensa vianense, já a 26 de setembro, que na cidade já havia bastante gente atacada, principalmente militares. E no dia 30 do mesmo mês, acrescentava a mesma imprensa que no Hospital Militar encontravam-se já mais de 100 doentes 2.

Observamos na Tabela 1 que, durante o mês pandémico de outubro, de um conjunto de 168 óbitos registados no Livro dos Enterramentos, 107 foram provocados pela gripe pneumónica, o que corresponde a 63,7% do total. Em novembro, registaram-se mais 12 óbitos por gripe e em dezembro apenas 1 óbito. Na chamada terceira vaga da gripe (até maio de 1919), registaram-se somente 5 de óbitos. O surto da varíola (ou beixigas) incidiu sobre as crianças

e em número significativo. A referência a doenças por causa indeterminada sugere o desconhecimento médico da nova pandemia da gripe ou óbitos no domicílio, numa fase inicial do contágio.

Após um mês do primeiro óbito por broncopneumónica referente ao soldado Arnaldo Martins, o contágio ia silenciosamente alastrando, facilitado igualmente por concentrações ocasionadas durante as feiras, festas e romarias. A 21 de setembro, a pandemia já se encontrava espalhada por toda a cidade. A 4 de outubro, escreve-se: casas há onde se encontram quatro e cinco pessoas doentes. A nossa, por exemplo, está transformada em camarata. São quatro pessoas que nela guardam o leito e Deus sabe ainda o que será 3. E assim continuou até ao final do mês (...). O movimento é ascendente e atinge o seu máximo no dia 17, com 10

óbitos registados. Por esta altura, as autoridades determinaram que os enterros só se efetuassem depois das 19 horas, ou seja, de noite 4. O declínio até ao final do mês torna-se oscilante, porém consistente.

Calculámos as idades médias ao óbito dos indivíduos que faleceram por pneumónica, segundo o Livro de Enterramentos (Figura 17). Os indivíduos com idades até aos 40 anos representam 85,5% do total, 38,4% dos quais possuíam entre 20 e 29 anos de idade, o que mais uma vez comprova a juventude das vítimas (sublinhe-se que, no Hospital da Misericórdia, a idade média ao óbito fixou-se nos 29,7 anos, tendo a vítima mais jovem 15 anos 5). As crianças menores de 23 meses, ao contrário de outros estudos, concentram apenas 9,6% dos casos, sendo que uma das razões se prenderá com algum subregisto à infância e que foi detetado durante o processo de cruzamento das fontes. Quanto ao género das vítimas registadas da pandemia, encontramos a prevalência do sexo feminino (52,8%) sobre o masculino (47,2%), o que é expectável no contexto altominhoto em que o celibato feminino, o maior número de viúvas e a emigração masculina se apresentavam como fatores característicos e endémicos.

A análise das ocupações da população adulta ficou comprometida com a existência de 33,6% casos de domésticas das quais desconhecemos a estratificação social. As demais profissões parecem revelar pertencem, salvo algumas exceções, a grupos sociais mais desfavorecidos e fragilizados. Isto explica a formação de comissões locais de socorro, como no caso de um grupo de senhoras e cavalheiros desta cidade percorreram as ruas angariando donativos para socorrerem os pobres atacados da epidemia que vai grassando 6.

Verificado que o número de óbitos encontrados nas duas paróquias se encontrava equilibrado e que, portanto, não existiram clivagens geográficas na cidade, procurámos perceber quais os arruamentos onde a pandemia predominou. Em Monserrate, as áreas de residência registadas ao óbito durante a pandemia são, na sua maioria, as zonas habitadas por famílias de marítimos e militares, assim como os eixos principais de passagem - ruas do Castelo, Loureiro, General Luís do Rego, Altamira,

N^a S^a de Monserrate, Largo D. Fernando, etc...

Em Santa Maria Maior, foi na Rua da Bandeira onde faleceu grande parte dos indivíduos, seguindo-se artérias e eixos privilegiados de entrada e saída da cidade, mas também áreas de Comércio e Serviços. Note-se os riscos associados à localização do Hospital da Misericórdia, em pleno centro da cidade, na esquina com a Rua da Bandeira e frente à Praça da República, nomeadamente pela constante circulação de peões, entrada e saída de doentes, de pessoal médico, de falecidos, tornando-se tragicamente o próprio hospital num provável foco de disseminação da doença. As demais artérias foram as ruas da Picota (onde funcionava a Cruz Vermelha), 8 de Maio, Santo António, D. Luís, Piedade, Espírito Santo, Anjinho, Praça da República, etc... A Cruz Vermelha, responsável pelo transporte de doentes, colocou um anúncio na Imprensa, apelando à inscrição de maqueiros, mas o concurso inicial não teve qualquer adesão...7.

O papel da Imprensa Local e Regional no alerta das populações foi crucial. Se bem que nesse ano de 1918 existisse todo um intrincado contexto sociopolítico e económico em polvorosa, se bem que a Censura atuasse fortemente sobre os conteúdos (a existência de artigos com vários parágrafos em branco ou truncados era banal 8), os próprios jornais continuavam a lutar pela sobrevivência. O custo do papel igualmente sofreu um aumento assombroso, de forma que o número de páginas foi reduzido.

O preço do papel chegou a um preço exorbitante (...). A especulação que campeja infrene e nada deixa escapar à bulímia doída que a devora, apoderou-se de tudo.

Não sabemos sequer como continuar a publicação desta velha e tão amada "Aurora", sendo, como são já, inultrapassáveis os sacrifícios que nos temos imposto! Contudo, tentaremos! O único meio que agora nos resta é publicá-la em meia folha. (...)9.

Sofriam por causa do preço do papel, mas também por causa da doença. No jornal Aurora do Lima, os leitores eram avisados que por ter adoecido parte do pessoal gráfico, talvez não se publique amanhã (...) pelo que apresenta as suas desculpas aos prezados assinantes. O mesmo

sucedeu com o Jornal Echos de Cerveira: (...) para não perdermos o correio e com a doença de dois tipógrafos, fica algum

original para outro número 10. Desde o início da pandemia, que os jornais continuavam a estoicamente informar a popu-

lação acerca do ritmo de propagação da gripe, dos doentes ou dos falecimentos. A 10 de outubro, quase no auge da existência do maior número de mortes, seguia-se esta sentida descrição dos factos:

Quase não há casa na cidade em que não esteja atacada, com mais ou menos gravidade, algum dos seus moradores. Noutras casas, caiu tudo! Os parques médicos que ainda resistem andam esfalfados e mal podem acudir a todos. (...) Só os prontos socorros e inúmero cuidado para evitar as recaídas se pode recomendar... o resto é o que Deus quiser! 11

Do Jornal A Aurora do Lima chegou-nos a associação da pandemia de 1918 com a de 1889. Segundo esta associação, concluiu que atacava de um jato (...) e que não atacava, com a mesma fortaleza, adultos e velhos! Estes chegam a ter irritações pulmonares sem febre 12. Recomendava-se a higiene pessoal e a utilização de desinfetantes. Uma boa medida seria queimar grandes quantidades de folhas de eucalipto nas ruas, de preferência nos bairros mais insalubres 13.

Um dos temas mais relevantes e mais frequentemente abordado nos jornais vianenses, relacionava-se com a crise das subsistências, preço dos bens, pobreza das populações em associação com a pandemia e, principalmente, com a criação dos Celeiros Municipais, por Decreto de 20 de abril desse ano. Nele se estipulava, por exemplo:

- a) Os produtores são obrigados a manifestar, perante a Junta de Freguesia, o centeio, milho e trigo que produzirem, oito dias depois de terminada a colheita;
- b) Excluída a parte necessária para sustento da sua família, o restante fica pertencendo ao celeiro da Câmara Municipal;
- c) O produtor que se negar ao manifesto incorre no confisco dos seus géneros, em multa (...) e em 6 meses de prisão, e o que falsear as suas declarações perderá as quantidades sonegadas e fica sujeito a prisão.

Esta normativa era praticamente impossível de cumprir, pois as colheitas pautavam-se por ciclos próprios e faseados ao longo do ano, condicionadas pelas condições climatéricas adversas, o que era o caso desse ano de 1918. Os cronistas clamavam pela equidade da distribuição do pão no Alto Minho, nomeadamente através da implementação de celeiros

paroquiais e aos quais todos teriam acesso. Uma vez que os celeiros municipais centralizavam os bens, a gente aglomera-se, o que dificulta o serviço de distribuição, dando em resultado que muitos passam o dia inteiro sem comer, percorrendo longas léguas na ida e na volta para obterem uma pequena fornada.

Continuava o cronista a defender que a insuficiência do milho se devia ao contrabando para Espanha, bem como de gado, ovos e galinhas que, praticado em larga escala, era favorecido pela moeda forte de Espanha, face à portuguesa muito depreciada 15.

E por todas estas razões houve uma forte contestação em frente à Câmara por parte da União dos Sindicatos Operários, de todas as Associações de Classes federadas e de muito proletariado, protestando contra a carestia de vida e reclamando a criação de armazéns com géneros mais essenciais à vida, a preços acessíveis à bolsa das classes trabalhadoras, principalmente o milho excessivamente caro em relação aos salários. Reclamavam ainda pelo término de preferências no celeiro municipal e dos maus tratos exercidos pelos empregados nas mulheres que ali o vão comprar. A agravar o caos, desenrolava-se simultaneamente uma greve na construção civil 16.

Em 22 de novembro, continuava o cronista a indagar as razões da disparidade de preços das diferentes praças da Ribeira Lima, preços que variavam entre 1\$700 e 2\$500 por alqueire de milho.

A Imprensa apelava às instituições para que tomassem medidas para evitar o espetáculo deprimente de crianças nas ruas a esmolar:

O espetáculo mais deprimente de uma sociedade é, sem dúvida, a mendicidade de menores pelas ruas (...) vítimas inocentes a quem os pais, pela fome, obrigam a esmolar. (...) Os asilos estão cheios. Não há casas próprias para albergue de menores, nem outros meios de socorro, a não ser a caridade pública. (...) Só um meio haverá: o início da assistência de rua (...) onde as senhoras da melhor sociedade velam pelas pobres criancinhas (...) 17.

Com a pandemia, inúmeras crianças órfãs erravam pelas ruas, sem qualquer apoio familiar. A pedido do governador civil de Viana do Castelo, pro-



cedeu-se à instalação de um orfanato de menores no antigo edifício da Oficina de S. José, cedido pela Santa Casa da Misericórdia da cidade. Nos inícios de dezembro, quando a gripe recuava, já 20 órfãos tinham sido instalados e procedia-se à recolha de outras crianças isoladas por todo o distrito. Também por todo o distrito se abriram as cozinhas da sopa económica, segundo pedido da Comissão Administrativa da Obra de Assistência 5 de Dezembro, onde eram distribuídos sopa, pão e roupas aos pobres 18.

Fizeram-se também peregrinações um pouco por todo o distrito, cidade, vilas e aldeias, sendo S. Sebastião o mais visitado, pois é o advogado da peste, da guerra e das colheitas. Em Viana do Castelo, a procissão de penitência realizou-se no domingo à tarde [dia 11 de novembro], fazendo a volta da cidade, acompanhada por milhares de pessoas e recolhendo ao Santuário de N.ª S.ª da Agonia, do adro do qual foi lançada a bênção ao povo pelo Rever.º Prior de S. Domingos 19. Foi então que um sacerdote efetuou um voto de consagração da cidade ao Sagrado Coração de Jesus, prometendo que, se a cidade fosse poupada ao flagelo, realizaria uma romagem para esse fim. Levada a cabo a primeira peregrinação anual em 1921, jamais se interrompeu este ato de devoção até à atualidade, ao qual se juntam, além dos vianenses, fiéis de todo o concelho de Viana do Castelo 20.

Para a leitura completa do Artigo ver Revista de Estudos Regionais do CER, Viana do Castelo, II Série, nº 14, pp. 13-43!"

1 A.M.V.C.T., Livro de Enteramentos no Cemitério de Viana do Castelo, Maiores (1906-1923), Cota 4.20.5.8; Menores (1913-1946), Cota 4.20.5.6.

2 Jornal A Gazeta do Lima, 26 e 30 de setembro 1918. Nesta mesma data, anunciava-se espetáculos no Teatro Sá de Miranda, onde atuava a Troupe Nacional.

3 Jornal A Aurora do Lima, 4 de outubro de 1918

4 Jornal A Voz do Coura, 26 de outubro de 1918.

5 A.D.V.C.T., Misericórdia de Viana do Castelo, Livro dos Mortos, pp.42-46v.

6 Jornal O Povo, 3 de outubro de 1918.

7 Jornal O Povo, 4 de setembro de 1918.

8 Diário do Governo, n.º 59, 28 de março de 1916, Lei n.º 495. Art.º 2º- A censura será exercida por comissões especiais que funcionarão junto dos governos civis ou administrações do concelho das localidades onde se imprimam as publicações (...).

9 Jornal A Aurora do Lima, 05 de março de 1918.

10 Jornal A Gazeta do Lima, 10 de outubro de 1918. Jornal Echos de Cerveira, 10 de novembro de 1918.

11 Jornal A Aurora do Lima, 10 de outubro e 17 de outubro de 1918.

12 Jornal A Aurora do Lima, 22 de outubro de 1918.

13 Jornal O Povo, 3 de outubro de 1918.

14 Predominou no mês findo o vento norte e rijo, que determinou uma seca. Dias sucessivos de extraordinário calor (...). O termómetro conservou-se entre 29º, chegando algumas vezes a 30º à sombra. (...) Manifestou-se com violência o oidium, sendo para rezear que faça grandes estragos se não for prontamente atacado com enxofre. (...) Tem-se perdido muita fruta por causa da seca e fortes ventanias. Bem pouca escapará e essa será vendida por alto preço". Além da subida do preço do vinho, chegou a chuva abundante que poderá fazer perigar as colheitas. Jornal A Voz do Coura, 14 e 28 de setembro de 1918.

15 Jornal A Aurora do Lima, 5 de julho de 1918.

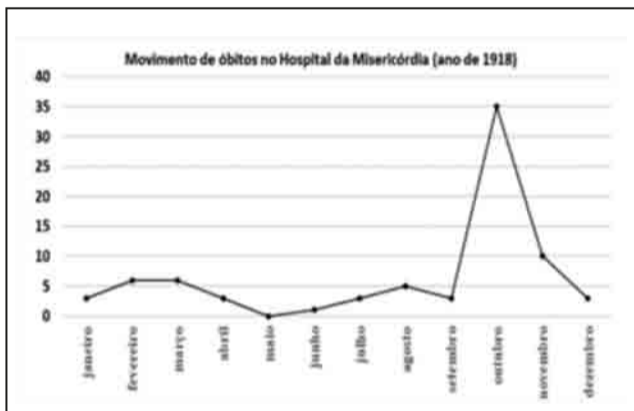
16 Jornal A Gazeta do Lima, 29 de agosto de 1918, 12 de setembro de 1918.

17 Jornal A Aurora do Lima, 1 de março de 1918.

18 Jornal O Povo, 19 de novembro de 1918.

19 Jornal A Gazeta do Lima, 14 de novembro de 1918.

20 Jornal de Santa Luzia, nº 10, maio de 2013, Confraria de Santa Luzia.



Óbitos por grupos de Idades	N	%
até 23 meses	12	9,6
03--09	9	7,2
10--19	17	13,6
20-29	48	38,4
30-39	21	16,8
40-49	6	4,8
50-59	1	0,8
60-69	6	4,8
70 e +	3	2,4
Indeterm.	2	1,6
Total	125	100

Óbitos registados por patologias (agosto-dezembro de 1918)						
Mês	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total
Pneumónica	1	4	107	12	1	125
Tifo	5	4	8	1	1	19
Variola	7	11	12	6	15	51
Tuberculose	0	5	4	4	4	17
Outras doenças	9	15	28	18	11	81
Indeterminadas	6	10	9	3	2	30
Total	28	49	168	44	34	323

ALTARES DAS ALMAS DAS IGREJAS PAROQUIAIS DO CONCELHO DE CAMINHA



Ó gente humana, ao voo ao céu fadada... I

FREGUESIAS DE VILARELHO e VILAR DE MOUROS

Abordamos, desta feita, duas igrejas paroquiais: uma, Vilar de Mouros, com o seu altar das Almas só parcialmente conservado e restaurado e, outra, Vilarelho, com altar cuja execução deve remontar ao passado século XX.

A simples verificação do cui-

dado posto em manter, através dos séculos, este tipo de peças sacras dedicadas às Almas do Purgatório confirma e representa a vivência duma devoção popular remota a que a pastoral post-tridentina insuflou nova força, reanimando e fomentando práticas religiosas que se guardam até aos nossos dias.

Entre nós e, em particular, na zona noroeste, quer no litoral, quer no interior do território, «a grande vaga barroca de devoção ao Purgatório» a que se refere o estudioso destes assuntos, Michel Vovelle² imprimiu marcas que se patenteiam dentro e fora das igrejas e capelas. Se podemos admirar nos ambientes fechados altares, retábulos, uma abundância e di-

versidade de equipamento litúrgico ligado ao Purgatório, temos de recordar também a criação de confrarias das Almas em quase todas as paróquias e as cerimónias litúrgicas de sufrágio. Contudo, a piedade popular trouxe a devoção às Almas para os caminhos e encruzilhadas de vilas e aldeias nos nichos das «alminhas» e o quotidiano dos crentes encheu-se de preces e jaculatórias pelos que penam no fogo do Purgatório, ao mesmo tempo que no vocabulário habitual entram exclamações e frases como: «pela sua saúde e pelas alminhas dos seus», «seja por alma de quem lá tem», «deixem-me, pelas almas!». O argumento passa mesmo a fazer

parte da poesia e música populares nas toadas lúgubres dos «encomendadores das almas» e em quadras soltas repletas de saudade pelos que partiram.³ Em todo este contexto, natural foi, também, o aparecimento de obras, folhetos e page-las a alimentar esses piedosos costumes.

Piedosos costumes que se foram perpetuando, piedosa devoção enraizada nas gentes que entrega as espigas da colheita, as flores do campo às «alminhas» da sua terra, e recupera, recompõe, cria e recria os painéis das Almas dos altares a Elas dedicados nas suas igrejas paroquiais.

O altar das Almas da igreja

paroquial de Nossa Senhora da Encanação de Vilarelho reentra num dos exemplos que apontamos acima: o da recriação.

Embora o inquérito ordenado pelo Marquês de Pombal em 1758 não cite um altar das Almas no dito templo, diz: Há nesta freguesia a irmandade das Almas. Logo, a existência de uma instituição do género mostra que aí se cumpria a observância regular de pias manifestações, sufrágios e cerimónias dedicadas às Almas do Purgatório. Ora, o estudo que temos vindo a realizar e registar sobre afiguração do Purgatório nos altares das Almas das igrejas paroquiais do concelho - com este artigo somamos dezasseis igrejas pa-

roquiais dum total de dezano- em todas se encontrou um altar das Almas com menor ou maior dimensão, de maior ou menor antiguidade. Ousamos, portanto, sugerir que a chamada Igreja Velha que serviu de sede espiritual da vila de Caminha até à construção da grandiosa matriz, também guardasse um painel, um quadro representativo das Almas.

Possíveis e desejáveis pesquisas que esperamos ainda realizar, trarão, provavelmente, alguma luz sobre esta matéria.

Por agora, reparemos no altar das Almas da igreja de Vilarelho que, pelas características da sua iconografia, se nos apresenta como de recente feitura. Um painel, uma pintura so-

IAIS

MARIA GABRIELA OLIVEIRA

bre tela, cobre todo o fundo da devota estrutura.

Apesar de o dito painel respeitar, na essência, os ditames que, segundo a pastoral de Trento caracterizavam, ou compunham, o Purgatório, o «lugar» de expiação temporária, a linguagem imagética que neste quadro se emprega reflecte uma clara mudança de mentalidade, um código comunicacional bem diverso daqueles usados em retábulos dos séculos XVII e XVIII, como, por exemplo, em Gontinhães, Moledo, Azevedo. Em contrapartida, observam-se muitas similitudes com o actual altar das Almas de Venade que sabemos pertencer a meados do passado século. Este o motivo que nos levou a considerar o trabalho de época próxima dos tempos presentes.

As maiores discrepâncias relativamente aos painéis Oitocentistas residem, tal como apontamos ao tratar a figuração de Venade, na apresentação das Almas.

No registo inferior, entre uma espécie de mancha amarela que simboliza as chamas purificadoras situam-se uma dezena de Almas. Vemos figuras de rosto expressivo, revelando umas, arrependimento com as mãos sobre a face curvada, outras grande serenidade na subida, no «voo» para a bem-aventurança. Quase todas se encontram vestidas com túnicas em que predomina o azul numa tonalidade forte. Sabemos que a cor azul se relaciona com o desejo de ser puro, com a paz, a espiritualidade.

Note-se, ainda, um pormenor singular: dois dos vultos femininos têm a cabeça coberta com um manto, detalhe muito raro na iconografia do Purgatório e que só recordamos em ilustrações do século XIX do francês Gustave Doré respeitantes à Divina Comédia de Dante Alighieri.

Ainda que a cobertura cristã da cabeça das mulheres durante as cerimónias litúrgicas remonte à igreja primitiva e se tenha perpetuado até há poucos anos atrás, lembrete de modéstia, respeito e piedade, a escolha de introduzir tal uso de vestuário no Purgatório, como disse-

mos, é rara, e, no concelho de Caminha aparece só nesta pintura de Vilarelho. Interpretação da proximidade à presença divina? Unicamente sinal duma autoria relativamente próxima da nossa época e que reproduz um costume?

Há, nitidamente, na simbologia escolhida para a caracterização das figuras em causa, uma «actualização» da mensagem; ao momento, o objectivo principal centrava-se não já no combate a uma heresia e à ignorância religiosa dos crentes, mas sim a um chamamento à continuidade duma devoção secular através da sempre eficaz catequização pela imagem.

Continuando o estudo da figuração do Purgatório no painel da igreja paroquial de Vilarelho, repare-se no segundo registo. Num cenário de nuvens, anjos de grandes asas elevam, abraçados a si, duas Almas já remidas de suas penas. Quer pelos atributos com que são representados, quer pelo modo protector como amparam e conduzem as benditas Almas, estas criaturas celestiais aproximam-se da comum iconografia dos Anjos da Guarda que muito se incrementou no nosso país na primeira metade do século XX.

No registo superior, à direita temos Nossa Senhora do Carmo, a imagem como usualmente e contemporaneamente se expõe à veneração dos fiéis e, à esquerda, o Arcanjo S. Miguel com a balança. Ambos pousam, ou melhor, pairam sobre nuvens e uma pequena coroa angelical remata a composição. Igual a outros altares do concelho que já abordamos, um grande crucifixo de madeira, Cristo Salvador, encosta no painel e domina toda a cena.

FREGUESIA DE VILAR DE MOUROS

Se, quanto à igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação de Vilarelho falamos de criação e recriação, à paróquia de Santa Eulália de Vilar de Mouros adaptam-se os verbos recuperar e recompor.

Neste caso, as Memória Paroquiais de 1758 incluem o altar das Almas como um dos cinco

existentes na igreja, ao tempo, acrescentando que existem duas irmandades de devoção às Almas. A partir deste dado, pode afirmar-se que a peça religiosa que ainda hoje se admira no dito templo remonta à primeira metade do século XVIII.

Todavia, Lourenço Alves, na sua obra Caminha e seu Concelho, assinala várias datas inscritas em diversos pontos do edifício relativas a Quinhentos, Seiscentos e Setecentos o que nos leva a reflectir sobre a época precisa da edificação da igreja e, conseqüentemente, da inclusão do altar das Almas no conjunto decorativo do seu interior.⁴ Como iremos descobrindo por aquilo que se consegue apreciar da iconografia restante, torna-se difícil e ariscado adiantar para o levantamento do altar e seu retábulo outra época que não a comprovada Setecentista.

Hoje, na parede lateral esquerda do corpo da igreja de Santa Eulália de Vilar de Mouros, dentro de um fundo nicho de cantaria, enquadrado por um trabalho em talha dourada com elementos neo-clássicos, dispõe-se o que resta do painel das Almas: uma pintura sobre madeira a que falta todo o registo inferior.

Provavelmente, segundo informações dos actuais guardiões da igreja, a quando do último restauro que esta sofreu há cerca de trinta anos, decidiu-se optar por cobrir com uma larga tábuca lisa toda a parte irrecuperável do painel.⁵ Por este motivo, temos uma visão truncada da pintura original e, em nossa opinião, as primitivas figuras podem ter sido retocadas.

Não obstante, o que resta mostra ainda a disposição padronizada do que se entendia por Purgatório, onde se distinguem bem as altas chamas donde emergem as Almas.

Despidos, voltados para o público, os vultos, mulheres de cabelos escuros e escorridos e homens com corte de barba inusitado, revelam uma expressão quase parada, apenas uma das figuras ergue o olhar para o alto, um olhar onde não se revê a consolação da esperança. Deixo aos leitores, sobretudo aos observadores do painel, a



particular impressão visual que me causou esta imagética; uma evocação, uma subjacente memória dos povos índios da América do Sul, do Brasil, talvez.

Quase no mesmo registo representam-se os intercessores. Do lado direito do quadro, um frade de hábito negro que, porém, nos não permite, com segurança, identificar a ordem a que pertence e, portanto, a imagem do santo a que se refere. Com grande possibilidade trata-se de Santo António a quem a população dedicava, e dedica, particular veneração, mas não se deve excluir a hipótese de S. Domingos até pelo gesto das mãos habitual nos frades pregadores da Ordem Dominicana.

No lado oposto, à esquerda, o autor colocou um personagem de túnica e manto vermelho, de braços abertos e mãos estendidas, personagem cujo semblante,

vestuário e atitude nos conduziram a Cristo Salvador. Mas, Cristo sem as chagas da crucificação? Cristo, descido ao fogo do Purgatório, entre as Almas que expiam suas faltas? Curiosa e estranha linguagem esta!

Contudo, imagens semelhantes já se encontraram noutros painéis do concelho, Riba de Âncora, Cristelo, e atribuem-se a um dos Apóstolos.

Sobre esta original figuração das Almas e intercessores aparecem anjos. Anjos bem diversos dos rechonchudos querubins ou dos esbeltos corpos alados representados em muitos dos altares que se foram abordando. Numa atmosfera que se pressupõe celestial há um anjo de veste clara, na posição de sentado e que tem entre os braços uma Alma e um outro, trajado de verde, que desce a erguer um dos que já alcançaram a remissão de suas faltas.

Um halo dourado fecha toda a composição e deixa-nos na incerteza sobre se continha ou não a pomba, símbolo do Espírito Santo.

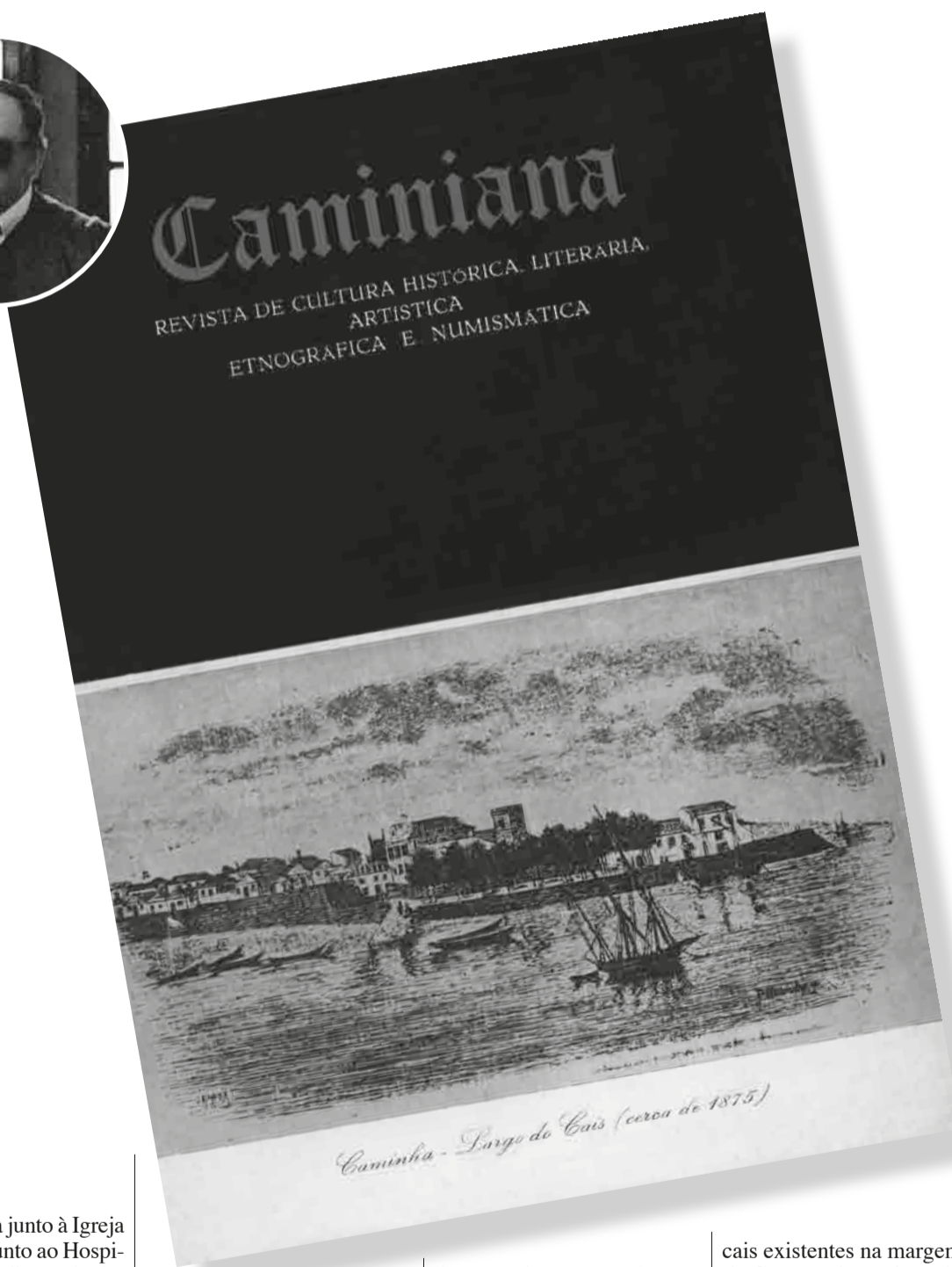
Com ou sem retoques de restauro que alteraram a primitiva iconografia, o altar das Almas da igreja paroquial de Vilar de Mouros constitui mais um testemunho duma figuração substancialmente imutável no tempo, duma herança histórica e cultural que a comunidade absorveu e conservou e deseja que permaneça.

Fechamos a tentativa de interpretação da iconografia do Purgatório nos altares das Almas das igrejas paroquiais do concelho de Caminha com o registo destas duas freguesias. As três restantes igrejas, matriz de Caminha, Dem. S. João de Arga não possuem altar das Almas e, portanto as não incluímos neste modesto estudo.



REVISTA CAMINIANA

UM TESOURO LITERÁRIO FUNDADO
HÁ 40 ANOS POR ANTÓNIO G. CEPA



Continuação

Havia outra rua junto à Igreja Matriz e outra junto ao Hospital da Misericórdia, onde depois se abriu uma porta, para facilitar o acesso do Hospital à Igreja da Misericórdia, que ficava fora do âmbito destes muros.

Primitivamente, esta primeira ordem de muralhas passava muito perto da Igreja Matriz, existindo uma pequena viela defronte da fachada principal,

separando a muralha da Igreja. Só muitos anos depois é que foi determinado afastar a muralha para o local atual, formando-se e um revelim e fortim com grande plataforma, onde já podiam jogar perfeitamente as baterias.

Nesta plataforma existia, além

dum grande armazém dos melhores da região, uma casa que servia de paiol, sendo ambos derrubados já no nosso século.

Fora desta primitiva muralha, existia a rua da Misericórdia, onde habitava a maior parte dos pescadores. No entanto, com o aumento da população, começaram a fazer-se mais construções fora de portas. Os jun-

cais existentes na margem do rio Coura, cujas areias cobrem o local que virá mais tarde a dar lugar ao Terreiro e rua do Vau, são locais que é necessário roubar ao rio.

Assim começam as construções a estender-se fora das muralhas. Estamos nos finais do séc. XV, princípios do séc. XVI. Caminha está no auge. O comércio marítimo torna-a porto

fulcral do alto Minho. O porto tem um movimento tal, que o torna um dos mais importantes do Norte do país. Há mercadorias que chegam e outras que partem. O comércio é intenso, e aumentando a população começa a tornar-se exíguo o local delimitado pelos primitivos muros. Nos campos circunvizinhos começam a fazer-se as primeiras casas onde está o Terreiro, que eram campos, e até nas freguesias circunvizinhas à vila diziam: “andavam fulanos a passear nos campos”. “Para passar fizeram o pátio no ato de 1570, com 3 degraus, cousa boa...”

O pátio acabou de ser feito em 1577, defronte da Câmara e Igreja da Misericórdia. Também nesta altura se fazia a capela de S. Sebastião situada junto às Portas da Vila. Nesta época a peste aparecia com frequência, sendo esta com certeza a razão do aparecimento desta capela.

A Igreja da Misericórdia faz-se pelos anos de 1551 e começa a delinear-se a rua do Vau, que vai obrigar a que a capela de S. João, situada fora de portas e no enfiamento da rua que se vai formar, seja deslocada para junto das Portas do Sol, no local onde ainda hoje se encontra. Forma-se assim nesta época a rua do Vau, que hoje é conhecida por rua de S. João. O nome da rua do Vau, provém por neste local se passar o rio Coura a vau, na vazante da maré. Também nesta altura, meados do séc. XVI, a rua da Corredoura se está a formar. Ainda hoje se pode ver uma casa da época, com a data da construção 1581. É nesta rua que mais tarde, pelos anos de 1632, o morgado da casa Pita aproveita duas casas que nesta rua tinha, para edificar a sua nova residência.

Começa pois neste século XVI, Caminha a estender-se para fora das primitivas muralhas. O Terreiro já deixou de ser o local de simples areias, onde os pescadores arranjavam as suas redes, para ser a praça onde passeiam e conversam os moradores da vila. O seu chariz já se encontra edificado, embora noutro local diferente do atual. Já existem as ruas da Misericórdia (muito antiga), a rua do Vau e da Corredoura.

Chegámos à época da restauração, com grande parte da população habitando fora de portas. A zona fronteiriça e as perspectivas de guerra com a vizinha Espanha, tornam a popu-

lação indefesa. É necessário fazer nova cintura de muralhas. D. João IV dá então ordem, que as novas fortificações comecem. D. Afonso VI e D. Pedro II são os continuadores desta obra.

É por esta altura, 1676, que o revelim fronteiro à Igreja Matriz é mandado construir por D. Pedro II, encarregando o engenheiro Miguel de Lascole de fazer a obra. Deste revelim, partia uma muralha direita a nascente, ligando-o ao velho muro. Aparecia a Porta do Cais, que ficava situada entre a Porta Nova e o extremo da rua do Vau. A fortificação do lado Norte, ficava assim fechada, com a ligação da muralha que partia do revelim fronteiro à Igreja Matriz, em direção a nascente, estando ligada à Porta Nova e à Porta do Cais. No entanto é difícil localizar com exatidão esta zona das noas muralhas.

A 2ª ORDEM DE MURALHAS

Partindo da Porta do Cais e do revelim que lhe servia de defesa, seguia a nova ordem de muros, fazendo vários ângulos e fechando a vila pela parte do rio Coura e pela parte virada a nascente. Existia uma porta falsa, a Porta de Arga e Coura, que ficava perto dum revelim com fossos de água, que servia de obras externas à praça.

Desta porta falsa, continua a muralha, variando as suas formas, passando por detrás das casas da atual rua da Estação, acabando por dirigir-se para sul até às Portas da Corredoura. A muralha seguia então mais para sul, protegendo a calçada de Santo António e depois de fazer vários ângulos, protegendo o convento de Stº António, vai-nos aparecer, como ainda hoje se pode ver, com uma porta falsa, a Porta de Stº António, que servia de passagem às pessoas que se dirigiam para as freguesias vizinhas. Pouco depois desta Porta, que esteve muito tempo fechada a pedra, ficava a outra bateria de artilharia virada à barra e à Galiza. Continuando, o muro desce então em várias cortinas até ir encontrar as Portas de Viana, junto ao local onde hoje existe o Asílo dos velhos. Descendo depois mais uns metros até junto ao rio Minho, virava então para Norte, seguindo por detrás das atuais casas da rua das Flores e do terreiro, pelo local que ainda há poucos anos



se podia ver. Esta parte de muralhas era baixo e sem elevação de terra pelo interior.

A muralha ia então ligar-se à antiga, num local onde existia uma Porta chamada de Açougue, perto do local onde há alguns anos existia ainda o antigo mercado, não muito distante do atual, e no enfiamento da rua que hoje dá para a Av. Marginal, e no cruzamento com a rua da Fábrica que antigamente se chamava rua do Arinho ou Areinho de ouro.

Nesta 2ª ordem de muralhas vamos encontrar as seguintes portas:

A Porta do Cais, também conhecida por Porta do Vau, que segundo o manuscrito de 1739 é pouco defensável, ficando virada para Norte num local um pouco difícil de localizar com precisão, todavia com grande probabilidade de se situar no extremo da rua do Vau, que se prolongava pela atual rua do Cais.

A porta da Arga do Coura, porta falsa e situada talvez não

muito distante do local onde hoje existe a estação dos Caminhos de Ferro, não longe dum revelim, e pela qual se sai para um local destinado às obras, exteriores à Praça.

Esta porta falsa manteve-se pouco tempo aberta.

A Porta da Corredoura ou Porta Nova da Corredoura, que possuía ponte levadiça, por cima dum fosso tendo aos lados dois corpos de guardas. Situava-se no extremo da rua do mesmo nome. Junto a esta porta existia uma prisão para os soldados.

A porta de Stº António, outra porta falsa que ainda hoje existe.

Havia ainda as Portas de Viana, com este nome por ser a que ficava virada para Viana e por onde saíam os que se dirigiam para esta cidade.

Estas portas eram também conhecidas por Porta Nova da Misericórdia, por darem saída para a rua do mesmo nome. Esta Porta era ainda maior que a da Corredoura, com corpo de Guarda e ponte levadiça.

Finalmente havia a Porta do Açougue situada no local que já designamos, e com ests nomes por se situar perto do Açougue. Porém, devido às cheias e invasões de areia, foi fechada com pedra pelos anos de 1708, segundo nos diz Rocha de Morais. Ainda neste ano, a 19 de janeiro, houve uma grande cheia que levou as portas e desfez parte das muralhas.

Nas portas da Corredoura e de Viana, estavam colocados escudos de armas reais e outros mais pequenos, do general que daquele tempo comandava a região. Nas ortas de Viana encontravam-se as armas dos Sousas do Marquês das Minas, comandante a região do Minho.

Parte da muraça, estava como vimos, em contato direto com as águas dos rios Minho e Coura, que com as enchentes lhe alagavam os fossos.

O resto da muralha era guarnecida de fossos e contra-es carpas, havendo pontes levadiças nas Portas da Corredoura

e de Viana.

Encontravam-se nesta segunda ordem de muros várias baterias de artilharia.

As Portas de Viana foram demolidas em 1869, começando a sua destruição a 3 de janeiro, segundo as atas da Câmara. Nesta altura, ainda tinham porteiro, que as fechava ao pôr do sol. Neste ano foi também demolida a Porta do Cais.

A Porta da Corredoura foi demolida um ano depois. As suas pedras foram utilizadas nos peggões da ponte estrada sobre o rio Coura.

A porta falsa de Stº António, foi reaberta em 13 de dezembro de 1873, pois foi pedido ao Governador que tal se fizesse por ser por ela muito acessível a ligação à Portela.

Era dentro deste segundo muro que se encontrava “o melhor terço da vila”, como diz o manuscrito da Biblioteca do Porto. Ao sair das Portas da Vila e defronte da Igreja da Misericórdia, encontrava-se um espaço terreno, que era conhe-

cido pelo nome de “campo”. À volta deste terreno foram-se erguendo boas casas.

Aqui se encontrava o Hospital de S. João de Deus, onde hoje está o edifício da Câmara, junto à Igreja da Misericórdia. No centro deste terreno, encontrava-se um belo chafariz, feito no séc. XVI. O seu criador foi João Lopes, o velho, que segundo Figueiredo da Guerra era família de artistas canteiros, escultores e mestre d’obras. A este chafariz de estilo renascentista refere-se Rocha de Morais: “Era muito detrimente para os moradores da vila, irem pelas pedras tão longe, deram ordem de bscar água ao redor da vila para a encanarem para ela, deu-se com uma grande fonte sobre Moledo, no monte. Procuraram mestres que a encaninharam para a vila, e a trouxeram com muito trabalho e dispêndio, e elegeram que ficasse no meio da praça-terreiro. Fizeram o chafariz magnífico como hoje (princípio do

séc. XVIII) se vê e se acabou no ano de 1517”... “Quando se lançou a primeira água foi com grande contentamento do povo, ia a água que sobrava encanada por baixo do chão para um tanque que se fez para beberem as bestas (este tanque ainda existia nos finais do séc. XIX e situado junto à casa que faz esquina com a rua da Corredoura), e a água que sobrava deste tanque ia para a casa Pita”. Há porém quem afirme que este chafariz foi feito em 1551, e portanto mais velho do que o de Viana um ano.

Este chafariz encontrava-se num local diferente do atual. A sua primitiva localização, não ficava muito afastada do extremo norte do passeios central do lado nascente, existindo um pelourinho no local onde hoje está o chafariz.

Continua

João M.F. Silva Santos

CONCELHO DE CAMINHA GANHA NOVA PRAIA DE BANHOS EM PEDRAS RUIVAS, SEIXAS



Foi publicada a Portaria n.º 102-C/2021, de 14 de maio, que procede, para o ano de 2021, à identificação das águas balneares costeiras e de transição e das águas balneares interiores, fixando as respetivas épocas balneares, bem como à identificação das praias de banhos onde é assegurada a presença de nadadores-salvadores. Entre essas praias está identificada a Praia de Pedras Ruivas, na freguesia de Seixas, uma zona de enorme beleza banhada pelo rio Minho e marcada por margens verdes encantadoras. A nova praia junta-se às praias já conhecidas no concelho de Caminha como as da Foz do Minho em Caminha, Moledo, Vila Praia de Âncora, Forte do Cão em Âncora e Azenhas em Vilar de Mouros.

Para Miguel Alves, Presidente da Câmara Municipal de Caminha, "a oficialização desta praia de rara beleza, é mais um sinal de trabalho que o Município tem vindo a fazer para a sustentabilidade do território e para a criação de mais fatores de atratividade para residentes e turistas. Seixas merece, o rio Minho merece e o concelho de Caminha também merece esta distinção do Governo de Portugal".

Ao longo dos últimos anos, o Município de Caminha vinha trabalhando para incluir Pedras Ruivas na listagem nacional de praias de banhos e o resultado chegou no ano em que o país responde à crise pandémica. Segundo o autarca de Caminha, "em Pedras Ruivas, como nas outras praias oficiais, será assegurada a presença de nadadores-salvadores durante a época balnear respetiva, monitorizando-se a qualidade da água e definindo-se regras relativamente à ocupação e utilização da área balnear. Ganhamos todos com a maior exigência que é criada".

A época balnear para as praias da Foz do Minho, Moledo, Vila Praia de Âncora e Forte do Cão, começa no dia 12 de junho e termina a 12 de setembro. No caso das Azenhas, em Vilar de Mouros e da nova Praia de Pedras Ruivas, a época inicia-se a 1 de julho terminando a 31 de agosto

Publicado no Jornal O Caminhense
de 21 de maio de 2021

CARTÓRIO NOTARIAL DE CAMINHA

Branca Catarina de Abreu Cardoso
Pinto Figueira Henriques

NOTÁRIA

EXTRACTO

Certifico, para efeitos de publicação, que no dia vinte nove de abril de dois mil e vinte e um, lavrada de folhas vinte e sete a folhas vinte e oito verso, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número Cento e Dois – E, do Cartório Notarial em Caminha, foi outorgada uma escritura de JUSTIFICAÇÃO na qual JÚLIA DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS SOUSA, NIF 104199890, solteira, maior, natural da freguesia de Moledo, concelho de Caminha, residente na Avenida Engenheiro Sousa Rego, número 49, Moledo, freguesia de Moledo e Cristelo, concelho de Caminha, declarou:

Que é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, dos seguintes bens imóveis, ambos sítios no lugar do Botão, Moledo, freguesia de Moledo e Cristelo, concelho de Caminha:

Número um: Prédio rústico, composto de terreno de mato, com a área de mil seiscentos e setenta metros quadrados, c confrontar no norte e nascente com Júlia Conceição Santos Sousa, do sul com Eduardo Augusto Gonçalves e do poente com José Maria Silva Reis, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Caminha, inscrito na matriz predial respetiva, em nome da ora justificante, sob o artigo 850 da União de Freguesias de Moledo e Cristelo, o qual provém do artigo rústico 491 da freguesia de Moledo (extinta), desconhecendo o artigo da antiga matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributável de 3,87 euros, igual ao valor atribuído; e

Número dois: Prédio rústico, composto de terreno de mato, com a área de mil seiscentos e noventa metros quadrados, a confrontar do norte e nascente com Maria Conceição Santos Sousa, do sul com Eduardo Augusto Gonçalves e do poente com José Maria Silva Reis, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Caminha, inscrito na matriz predial respetiva, em nome da ora justificante, sob o artigo 848 da União de Freguesias de Moledo e Cristelo, o qual provém do artigo rústico 490 da freguesia de Moledo (extinta), desconhecendo o artigo da antiga matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributável de 26,56 euros, igual ao valor atribuído.

Que, a soma dos indicados valores patrimoniais é de trinta euros e quarenta e três cêntimos.

Que os referidos prédios foram adquiridos pela primeira outorgante, no ano de mil novecentos e sessenta e sete, em dia e mês que não pode precisar, por compra verbal não reduzida a escrito, feita a Isabel Maria Alves Faria e marido, Manuel Afonso Casal da Veiga, residentes que foram na freguesia de Moledo, concelho de Caminha, sem que no entanto ficasse a dispor de título formal que lhe permita o respetivo registo na Conservatória do Registo Predial; mas, desde logo entrou na posse e fruição dos referidos prédios, em nome próprio, posse que assim detém há mais de vinte anos, sem interrupção ou ocultação de quem quer que seja.

Que a posse foi adquirida e mantida sem violência e sem oposição, ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, em nome próprio e com aproveitamento de todas as utilidades dos prédios, limpando-os, desbastando-os, e agindo sempre de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, quer usufruindo como tal os imóveis quer suportando os respetivos encargos.

Que esta posse em nome próprio, pacífica, contínua e pública, desde o ano de mil novecentos e sessenta e sete, conduziu à aquisição dos referidos prédios, por usucapião, que invoca, justificando o seu direito de propriedade para efeito de registo, dado que esta forma de aquisição não pode ser comprovada por qualquer outro título formal extrajudicial.

Está conforme com o original, na parte transcrita.

Cartório Notarial de Caminha, vinte e nove de abril de dois mil e vinte e um.

A Notária
Branca Pinto

Registada sob o n.º 317/2021



Publicado no Jornal O Caminhense de 21 de Maio de 2021

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DO NOROESTE, C.R.L.

Sede: Praceta Dr. Francisco Sá Carneiro
4750-297 BARCELOS

Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Barcelos, com o número único de matrícula e identificação fiscal 503656267

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do nº 2 do artigo 26º e dos artigos 27º e 28º dos Estatutos da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Noroeste CR, e na convicção de que, não obstante a atual situação de pandemia, a sua realização venha a ser possível, convoco todos os Associados no pleno gozo dos seus direitos, a reunirem-se, em Assembleia Geral Ordinária, no dia 31 de Maio de 2021, pelas 9 horas, na sua Sede Social, sita na Praceta Dr. Francisco Sá Carneiro em Barcelos para discutir e votar as matérias da seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1º Apreciação e votação do Relatório de Gestão, Contas e Anexo às Contas relativos ao exercício de 2020 da Caixa Agrícola e das propostas de aplicação de resultados, assim como o Relatório e respetivo Parecer do Conselho Fiscal.

2º Apreciação geral sobre a Administração e Fiscalização da Caixa Agrícola.

3º Apresentação e apreciação do Relatório com os resultados da avaliação anual da implementação das políticas de remuneração praticadas na Caixa Agrícola.

4º Deliberação sobre a Política de Remuneração dos Órgãos de Administração e Fiscalização da Caixa Agrícola para 2021.

5º Discussão e votação da alteração da Política Interna de Seleção e Avaliação da Adequação dos Membros dos Órgãos de Administração e Fiscalização da Caixa Agrícola.

6º Fixação do valor do reembolso dos títulos de capital social.

7º Exoneração dos associados que não cumprem os deveres previstos no artigo 14º dos Estatutos.

8º Discussão e votação da alteração do Regulamento Eleitoral da Caixa Agrícola.

9º Discussão de outros assuntos de interesse coletivo.

Os elementos sujeitos à apreciação encontram-se disponíveis nas Agências da Caixa Agrícola.

Se à hora marcada não estiverem presentes o número suficiente de associados para o funcionamento da Assembleia Geral, esta reunirá uma hora depois, com qualquer número, de acordo com o nº 2 do artigo 29º dos Estatutos.

Tomando em consideração as medidas em vigor restritivas da aglomeração de pessoas, as quais poderão ainda vigorar à data da realização da Assembleia Geral, incentiva-se os Senhores Associados a privilegiarem o recurso ao voto por correspondência ou por representação.

A – Voto por Correspondência

Os Associados podem exercer o seu direito de voto por correspondência, nos termos do artigo 31º, nºs 3 a 5 dos Estatutos da Caixa Agrícola desde que sejam cumpridos, cumulativamente, os seguintes requisitos:

I. Solicitar atempadamente, por escrito, ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, os boletins correspondentes a cada ponto da ordem de trabalhos e a car-

ta que os deverá capear;

II. O sentido do voto seja expressamente indicado em relação a todos os pontos da ordem de trabalhos;

III. Os boletins dêem entrada na sede da Caixa Agrícola até às dezasseis horas do segundo dia útil anterior ao da Assembleia Geral, sendo a data e hora da entrada registada em livro, registo que será encerrado pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral logo que terminado o prazo da sua válida recepção.

Cada boletim deverá ser dobrado em quatro e inserido em sobrescrito, em cujo rosto será inscrito “Votação do(a) Associado(a)... (nome ou designação do Associado) para o Ponto ... (inscrever o número) da Ordem de Trabalhos da Assembleia Geral da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Noroeste C.R.L.; convocada para as ... (colocar a hora e minutos da reunião em primeira convocatória) do dia... (dia, mês e ano).

B – Voto por representação

Nos termos do artigo 31º, nºs 7 e seguintes dos Estatutos da Caixa Agrícola, qualquer Associado poderá votar por procuração, conquanto constitua como mandatário familiar seu, desde que maior de idade, ou outro Associado, sendo que este só poderá representar um mandante.

A procuração deve ser outorgada em documento escrito, dele constando a identificação do mandante e a identificação do mandatário, pelo menos através dos seus nomes completos, números de identificação civil e respetivas moradas, data, hora e local da realização da Assembleia e ponto ou pontos da ordem de trabalhos para a qual confere o mandato e, querendo, o respetivo sentido de voto.

A procuração deverá ainda ser datada e dirigida ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral, com a assinatura do mandante reconhecida nos termos legais.

C. Presença na Assembleia Geral

Para os Associados que venham a estar presentes na Assembleia Geral, adverte-se que, na data da sua realização serão seguidas as orientações específicas que venham a ser emanadas quer por dispositivo legal subsequente à publicação desta Convocatória, quer pela Direção Geral de Saúde, designadamente quanto aos procedimentos de segurança, saúde e higiene a adotar na presente reunião, as quais serão devidamente divulgadas aos Associados.

Sem embargo do anteriormente expresso, desde já se adverte que, no mínimo, sempre serão necessariamente adotados os seguintes procedimentos:

a) restrição de presença no local da reunião de uma pessoa em representação de cada Associado, designadamente no que se refere a Associados pessoas coletivas;

b) distanciamento físico mínimo de dois (2) metros entre os presentes na reunião;

c) uso obrigatório de máscara ou viseira;

d) utilização das soluções desinfetantes cutâneas aquando da entrada na reunião.

Barcelos e Sede Social da Caixa Agrícola, aos 6 de Maio de 2021

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Dr. Marcelino António Pereira de Abreu

NECROLOGIA

AGÊNCIA FUNERÁRIA SALES GOMES



ANA GOMES REBALDIM

Residente em V.P.Âncora
Faleceu com 80 anos
Sepultada no cemitério de V.P.Âncora



CARMELINDA DO CÉU DA COSTA DINIS

Residente em Vila Praia de Âncora
Faleceu com 86 anos
Sepultada no cemitério de V.P.Âncora



DAVID RODRIGUES

Residente em Lisboa
Faleceu com 83 anos
Sepultado no cemitério de V.P.Âncora



JOAQUIM DE MATOS FERNANDES BARREIROS

Residente em Vila Praia de Âncora
Faleceu com 102 anos
Sepultado no cemitério de V.P.Âncora



JOSÉ LUÍS SALGUEIRO CASAL DA VEIGA

Residente em Moledo
Faleceu com 82 anos
Sepultado no cemitério de Moledo



ISILDA DOS ANJOS RODRIGUES LOUREIRO

Residente em Dem
Faleceu com 73 anos
Sepultada no cemitério de Dem



ANTÓNIO MADALENO MARTINS

Residente em Dem
Faleceu com 90 anos
Sepultado no cemitério de Dem



LUDOVINA ALDA GAVINHO CLEMENTE

Residente em Seixas
Faleceu com 93 anos
Sepultada no cemitério de Seixas



MARIA ADELAIDE CRUZ PIRES

Residente em V.P. Âncora
Faleceu com 77 anos
Sepultada no cemitério de V.P.Âncora



SÉRGIO DO NASCIMENTO MINA

Residente em Lanhelas
Faleceu com 84 anos
Sepultado no cemitério de Lanhelas



FIDÉLIA MARIA MALJOGA MARTINS

Residente em Moledo
Faleceu com 93 anos
Sepultada no cemitério Moledo



ANTÓNIO MARIA FIGUEIRA RODRIGUES

Residente em Vila Praia de Âncora
Faleceu com 93 anos
Sepultado no cemitério de V.P.Âncora



JOSÉ CARREIRA CALDAS GONÇALES

Residente em Vila Praia de Âncora
Faleceu com 86 anos
Sepultado no cemitério de V.P.Âncora



FRANCISCO DE BRITO MARTINS

Residente em Vila Praia de Âncora
Faleceu com 87 anos
Sepultado no cemitério de V.P.Âncora



FERNANDO ANTÓNIO AZEVEDO DA SILVA

Residente em Vila Praia de Âncora
Faleceu com 95 anos
Sepultado no cemitério de V.P.Âncora



MARIA HELENA ALVES DA DEVESA

Residente em Vila Praia de Âncora
Faleceu com 70 anos
Sepultada no cemitério de V.P.Âncora



SOFIA RODRIGUES GONÇALVES

Residente em Âncora
Faleceu com 90 anos
Sepultada no cemitério de Âncora



ANTÓNIO HENRIQUES GONÇALVES DIAS

Residente em Moledo
Faleceu com 79 anos
Sepultado no cemitério de Argela

INFO

HOSPITAIS | CENTROS DE SAÚDE ENFERMAGEM

Centro Hospitalar do Alto Minho
Viana do Castelo | T. 258802100
Centro de Saúde de caminha
Rua Eng.º Agostinho Perreira de Castro | T. 258719300
Centro de Saúde de Vila Praia de Âncora
Av. Pontault Combault | T. 258 911318

BOMBEIROS

Caminha
Rua das Flores | T. 258719500(1)
Vila Praia De Âncora
Rua 5 de Outubro | T. 258 911125

GNR

Caminha
R. da Trincheira | T. 258719030
Vila Praia de Âncora
Rua Miguel Bombarda | T. 258959260

CAPITANIA DO PORTO DE CAMINHA

T. geral: 258719070
T. piquete da PM: 258719079

FARMÁCIAS

Farmácia Torres
Praça Conselheiro Silva Torres, Caminha | T. 258922104
Farmácia Beirão Rendeiro
Rua da Corredoura, Caminha | T. 258722181

CÂMARA MUNICIPAL DE CAMINHA

T. 258710300

BIBLIOTECA CAMINHA

Rua Direita
segunda a sexta: 10h00 às 18h30
sábado: 10h00 às 13h00

MUSEU CAMINHA

terça a sexta: 10h00 às 19h30 / 14h30 às 18h00
sábado e domingo: 11h00 às 13h00 / 14h00 às 17h30

POSTOS DE TURISMO

Caminha
Praça C. Silva Torres | T. 258921952
Moledo
Av. da Praia (em época balnear)
Vila Praia de Âncora
Av. Ramos Pereira | T. 258911384

CENTRO CULTURAL VILA PRAIA DE ÂNCORA

segunda a sexta: 10h00 às 12h30 / 13h30 às 18h30
sábado: 11h00 às 13h00

RESIDÊNCIA PAROQUIAL

Largo. Dr. B. Coelho Rocha
T. 258921413

FEIRAS E MERCADOS

Caminha
Largo Pontault Combault
semanal 4ª feira
Vila Praia de Âncora
Largo do Mercado
semanal 5ª feira

TAXIS

Caminha
Largo do Terreiro | T. 258921401
Vila Praia de Âncora
Praça da República | T. 258911295
Venade TM. 965643481

NECROLOGIA



**JOSÉ FERNANDES
CORREIA**

Residente em Caminha
Faleceu com 100 anos
Sepultado no cemitério de Caminha



**MARIA ALICE
CORREIA FERNANDES**

Residente em Vila Praia de Âncora
Faleceu com 88 anos
Sepultada no cemitério de V.P:Âncora



PUB.



PUBLICIDADE:
258 921 754 OU 258 922 754



**50ª ANIVERSÁRIO DA FREGUESIA
(1968-2018)**

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DA JUNTA

Inverno: Terça-Feira das 18:00h às 19:00h

Verão: Terça-Feira das 19:00h às 20:00h

email: jf-dem@freguesiasdeportugal.com - site: <http://www.jf-dem.com>

Lugar Chão do Porto, nº47, 4910-188 Dem - Tlf: 258 724 020



**HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO DA JUNTA
SEGUNDA A SEXTA-FEIRA**

18:00h às 20:00h (sempre que possível)

ATENDIMENTO PELO EXECUTIVO

18:00h às 20:00h

email: jfribadeancora@gmail.com

site: <http://www.jf-ribadeancora.com>

EM1015-2 169, 4910-318 Riba de Âncora - Tlf: 966 938 617

José Fernandes Correia

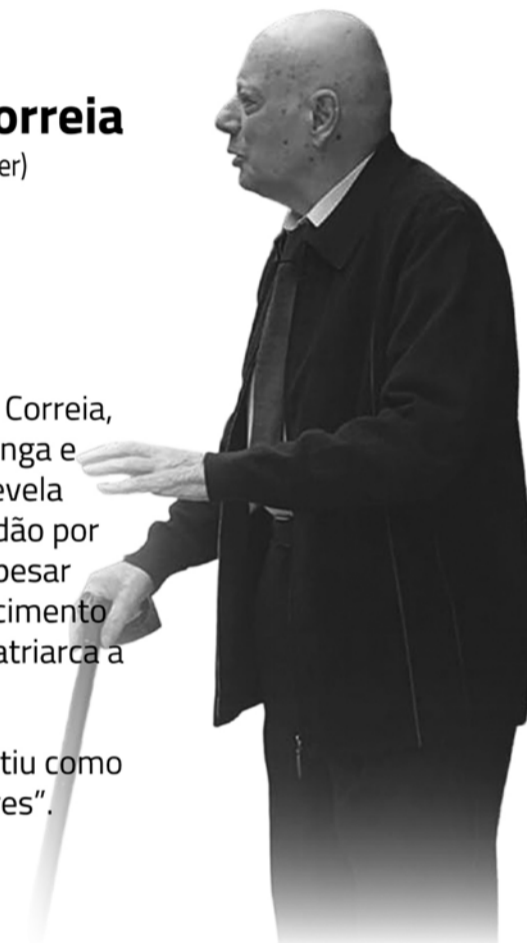
(Antigo agente da Companhia Singer)

Agradecimento

A família de José Fernandes Correia, dando graças a Deus pela longa e generosa vida (100 anos), revela enorme e reconhecida gratidão por todas as manifestações de pesar reveladas por altura do falecimento do seu querido e saudoso patriarca a 10 de abril de 2021.

Um homem de bem que partiu como viveu: "de pé, como as árvores".

A Família



Agência Funerária
Sales Gomes, Lda.

Prestígio, Dedicção, Dignidade, Competência e Gratidão, ao vosso serviço
tlm. 969 027 752 | tlm. 965 292 531 | tel. 258 911 168 | tel. 258 724 306

**RÁDIO CAMINHA
A TUA COMPANHIA
24 HORAS POR DIA...**

106.2 Fm



